



PUC RIO

MARIA HELENA RODRIGUES NAVAS ZAMORA

"Saber Viver: Táticas de Sobrevivência do Nordestino no Rio de Janeiro"

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Setembro de 1992

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 1507225/TESE UC

Título: Saber viver:



0 0 6 5 6 0 4

Ex: 1-CENTRAL

1634

MARIA HELENA RODRIGUES NAVAS ZAMORA

"SABER VIVER":

TATICAS DE SOBREVIVENCIA DO NORDESTINO NO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia
da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção
do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Doutora Junia
de Vilhena.

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezoito de setembro de 1992.

UC 43558-5



150
225
RESBUC

Aos operários nordestinos que
conheci, gente de muita coragem e
dignidade: este trabalho é de
vocês!

Meus agradecimentos:

- a Junia de Vilhena, por sua preciosa orientação, por seu apoio, atenção e confiança;

- aos professores Luis Antonio dos Santos Baptista (UFF), Ademir Pacceli Ferreira (UERJ), importantes amigos e colaboradores. Aos Doutores AfrAnio Raul Garcia-Jr. (Museu Nacional), Sul-Brasil Pinto Rodrigues (UFF) e Milton Athayde (COPPE), pela escuta paciente e pela boa-vontade;.

- aos professores e secretárias do Departamento de Psicologia da PUC-RJ, em especial à Esther Arantes;

- à minha fiel equipe de pesquisa: MAriela Vargas Belisário, Rejane Coelho e Christiane Farias, porque aliaram amizade e trabalho de forma inseparável e deliciosa;

- meus pais e toda minha família, especialmente Ewaldo Mayrinck Blunck, companheiro de todos os momentos. Sem o suporte deles, essa tarefa teria sido impossível.

RESUMO

Esta dissertação propõe-se a investigar alguns aspectos da construção da identidade do nordestino que vem trabalhar no Rio de Janeiro. A experiência de migrar, o emprego na construção civil e sua inserção em uma cultura diversa e não raro adversa, são aqui analisados. Para defenderem-se, os nordestinos desenvolvem o que a autora chamou de "táticas de sobrevivência": comportamentos por eles considerados adequados e necessários para lidar com a violência urbana e para preservar uma identidade honrosa.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to investigate some aspects of the construction of the identity of North Eastern migrants who come to work in Rio de Janeiro. The experience of migration, the work at the civil construction and their insertion on a different and frequently adverse culture are here analysed. To defend themselves they develop what the author has called "tactics of survival" - behavior which are considered by themselves as an adequate "tool" to deal with the urban violence as well as guarantee them an honorable identity.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I: A HISTÓRIA DA PESQUISA.....	7
1.1 - A Feira ou ninguém é nordestino.....	8
1.2 - Primeiras entrevistas. As fotos dos operários.....	10
1.3 - A ida ao bairro operário. A história da fome vergo- nhosa.....	19
1.4 - Entrevista com Adalberto & Coro.....	24
1.5 - Últimas entrevistas.....	28
CAPITULO II: "SAUDADE É UMA COISA E DIFICULDADE É OUTRA".....	32
CAPITULO III: "NOS GANHA SO O FARDU DE VENTU E SOL!".....	51
3.1 - "Eu amo o cabo da minha colher".....	52
3.2 - "Dinheiro de obra é amaldiçoado".....	62
3.3 - "Quem está na obra não veste uma camisa".....	76
CAPITULO IV: "SABER VIVER": TATICAS DE SOBREVIVENCIA NO RIO DE JANEIRO.....	81
4.1 - O Rio de Janeiro: terreno de combate.....	81
4.2 - A Guerra da sobrevivência.....	85
4.3 - A Dignidade reinventada.....	100
CONCLUSÃO.....	105
BIBLIOGRAFIA.....	114

"quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levás...

Dize que levás somente
coisas de não:
fome, sede, privação."

(...) "Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga.
É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva."

(MORTE E VIDA SEVERINA, poema de
João Cabral de Melo Neto)

INTRODUÇÃO

Existe um modelo psicológico de "indivíduo", aceito como natural e extensível a todas as classes sociais. Ele corresponde, em linhas gerais, à pessoa que se pensa com os atributos de cidadania, dignidade, autonomia, liberdade, capacidade de utilizar o potencial criativo...

Existe um país nada modelo, onde é aceito como natural e extensível a toda gente, um destino de miséria. Nordeste de que fala Josué de Castro (1983), de sertão estéril, o Nordeste que reduz, com a mesma indiferença, homem e cana a bagaço. Nação mangue, dos híbridos homens-caranguejos, país dos sitiados pela fome, em suas formas visíveis e ocultas, sustentando ainda na morte-e-vida, a pretensão de trabalhar para comer. Nordeste no Rio de Janeiro, onde os construtores da cidade têm que vender barato seu suor e muitas vezes suas vidas.

Pergunto: o que pode haver em comum entre a subjetividade descrita no tal modelo e a subjetividade dos filhos da necessidade? De que pode valer aos "diferentes" daquele país não tão distante, o esforço científico que busca compreender e tratar os conflitos psíquicos?

A prática clínica, baseada na noção a-histórica de "indivíduo", produziu suas cenas de etnocentrismo explícito até

concluir que a "gente da necessidade" não podia ser tratada pela psicoterapia. Eles não teriam condições sócio-culturais de serem ajudados pela psicoterapia ou seriam intratáveis por não terem inconsciente. Entretanto, trabalhos como os de Bezerra (1982, 1987), Costa (1989), Duarte (1985, 1986), Figueira (1981), Senna e Vilhena (1988), discordaram dessas conclusões. Alguns dos autores mencionados atacaram as premissas implícitas nessas posições, como a própria noção de indivíduo. Outros discordaram das consequências de tais afirmativas, mostrando serem indefensáveis teoricamente, senão tolices eivadas de preconceitos.

Bezerra (1987) mostrou que a necessidade de estudar a atividade psíquica de maneira científica - e por isso universalizante - pode levar a uma concepção abstrata de homem, se pensado fora do contexto social. Ele apontou para a confusão entre as duas acepções do termo "indivíduo", que pode significar a unidade elementar da espécie humana, mas também designa o ser moral, dotado de qualidades derivadas *"do universo ideológico das sociedades complexas do Ocidente."* (p.141) A falta de discernimento entre os dois sentidos do termo instala a generalização do ser moral, que passa a ser o "modelo psicológico", sem admissão de diversidades. Nesta pesquisa tentei mostrar que entre a abstração chamada "indivíduo" e os entrevistados existe tamanha distância, que só com muita "miopia intelectual" ou com muita má vontade seria possível não enxergar.

O objetivo principal deste trabalho foi o estudo de algumas vivências formadoras da identidade do migrante nordestino. Aceitando identidade como *"tudo aquilo que se vivencia (sente, enuncia) como sendo eu, por oposição àquilo que se percebe ou enuncia como não-eu"* (Costa:1989:p.22), procurei rastrear experiências que essas pessoas tinham em comum: migração, trabalho na construção civil, pobreza, sobrevivência no estranho meio urbano. O contato com eles fez-me pensar que, se a psicologia aprofundar as relações entre trabalho e subjetividade, descobrirá novos elementos sobre os "diferentes" da sociedade, porque a condição de trabalhadores é *"a marca precípua de auto-identificação positiva."* (Duarte: 1988:p.10) Ou repetindo Jurandir Freire Costa (1989:p.29): *"E o que é audível e visível no discurso dos trabalhadores manuais é que a identidade psicológica tem um de seus mais fortes esteios no traço identificatório trabalhador."*

Para recolher os dados da pesquisa, utilizei entrevistas não-diretivas, com perguntas que eram pontos de partida para que os entrevistados "associassem livremente". Entretanto, o material recolhido não foi tomado como realidade última. Pensadores importantes como Bakhtin e Freud, falando de lugares diferentes, advertiram contra o engano de tomar a aparência pela essência. Bakhtin (1988), a partir do pensamento marxista, lembrou que as palavras refletem, mas também

distorcem a realidade. Freud mostrou que a consciência, traduzível pelo código lingüístico, não era o lugar da verdade, mas da distorção:

"Contra a unidade do sujeito defendida pelo racionalismo, a psicanálise vai nos apontar um sujeito fendido, aquele que faz uso da palavra e diz "eu penso, eu sou", e que é identificado por Lacan como sujeito do enunciado, e aquele outro, sujeito da enunciação que se coloca como "excêntrico em relação ao sujeito do enunciado." (Garcia-Roza:1987:23)

No tratamento dado ao material, que são os depoimentos dos operários, procurei passar do conteúdo manifesto ao latente, se assim posso expressar-me. Não deixei de aproveitar toda manifestação que evidenciava a existência de uma significação latente. (Thiollet:1985) Riso, silêncios, alterações de tom: de voz, choro, constituíram pistas preciosas para a revelação de um "raciocínio afetivo" subjacente. Desconfiei sempre do aparente, como os psicanalistas desconfiam dos "sintomas". Mas não interpretei. As histórias só necessitaram que uma despreziosa análise semântica desvelasse a dialética entre o pessoal e o social. Se o uso de determinadas palavras mostrava relações de pertencimento do sujeito a certos grupos, também é certo que mostravam a leitura individual que o indivíduo fazia dessas relações. As conclusões a que cheguei - é bom frisar - são válidas em relação ao momento histórico.

Investiguei aspectos psicológicos e sociais no que tinham a ver com o objeto. Não pretendi dar conta do todo, mas admitir outras determinações que complementam o psicológico. Acredito que a ciência tem mais a ganhar com a transdisciplinariedade, que cercando com o arame farpado de certa "objetividade" e "pureza" seus preciosos territórios.

Fiz o mesmo caminho que os entrevistados: segui-os desde o Nordeste, entrei nas obras e com eles deitei raízes na cidade. Essa viagem aparece dividida em quatro capítulos.

O primeiro capítulo refere-se às experiências que eu e meu grupo de pesquisa vivemos desde que entramos em campo. Mostra, as dificuldades que enfrentamos, o amadurecimento do trabalho e apresenta todos os operários ouvidos, formalmente entrevistados ou não. Em suma, o capítulo mostra que não há trabalho neutro, que não provoque modificações em quem o empreendeu.

O segundo capítulo diz respeito à migração, compreendendo alguns relatos da vida no local de origem, os motivos sociais e individuais da migração e os sentimentos relativos a essa mudança radical.

O terceiro capítulo aborda o desenvolvimento do trabalho na construção civil visto sob dois aspectos: um positivo, que

confere ao migrante identidade e realização e outro negativo, referente a falta de segurança, má remuneração e insatisfação.

No último capítulo falei de *táticas de sobrevivência*, termo bélico que se define como *"arte de dispor as tropas no terreno em que elas devem combater; meios empregados para sair-se de qualquer coisa; processo de realização."* (Aurélio:1986:p.1653) Chamei de *táticas de sobrevivência* todas as formas de ação e organização do migrante. São as maneiras de se situar no terreno, que é a cidade do Rio de Janeiro, e resistir, também psiquicamente, passando por dificuldades extremas e suportando os preconceitos reservados aos que são pobres e migrantes. Alguns dos entrevistados chamaram os processos de realização de seus objetivos de *"saber viver"*, expressão que evoca as *táticas de sobrevivência*: são certos comportamentos, considerados apropriados, que, uma vez transgredidos, podem acarretar fracasso ou morte.

Mas, o que realmente pretendo com este trabalho, foi traduzido pelo operário Jorge. Não quero esquecer desta interpelação:

- *"As conscientizações de pesquisar, de levantar, de tentar interferir para melhor, isso é benéfico. Mas acontece que tudo isso morre na praia, porque não há interesse. (...) Quer dizer, muitos que se formam passam para o outro lado e assim vai ficando um vazio eterno na ligação da pequena classe com a classe que se torna evoluída, tá um*

abismo muito grande. E se torna difícil, então você faz milhares e milhares de pesquisas e aquilo não tem discernimento, quando chega ali há um desinteresse, pega aquilo e bota num livro ou bota num arquivo."

Como chamaremos ao cruel abismo entre "a pequena classe" e àquela que Jorge chamou ironicamente de "classe que se torna evoluída"? Como chamaremos à classe que só tem direito à morte-e-vida severinas? Que contribuições nossa ciência pode dar? O Brasil-severino quer saber e cobra de todos nós uma reflexão, uma resposta e um posicionamento.

Espero que este trabalho *não morra na praia*, mas mereça a confiança dos que generosamente falaram de suas vidas, movidos pela esperança. Anuncio minha história como os violeiros e repentistas, pedindo sua atenção agora e seu interesse, no sentido que lhe dá Jorge, para sempre.

A HISTORIA DA PESQUISA

Este capítulo foi escrito na primeira pessoa do plural, não para adotar o nós majestático, mas como sinal de reconhecimento da partilha durante toda pesquisa. Quando aparece "eu", sempre se refere a Maria Helena Zamora e indica um movimento "isolado" do grupo. "Eu", felizmente, foi um episódio raro.

Em outubro de noventa, constituíamos já a três meses, um grupo de estudo dos principais temas da pesquisa. Nossos nomes e identificações: Maria Helena, pernambucana morando no Rio a nove anos, filha de nicaragüense, coordenadora do grupo. Mariela Belisário, venezuelana, na época atuando na área de Recursos Humanos num hospital. Christiane Farias e Rejane Coelho, estudantes de Psicologia, completavam o grupo. A primeira tem pai nordestino e a segunda nasceu em outra cidade do estado.

Não é difícil concluir que temos nossas implicações na escolha do tema migração. De minha parte, confesso: escrevi de algum lugar entre a Nicarágua e a Bahia.

1.1 - A Feira ou ninguém é nordestino...

Começamos a pesquisar na feira de São Cristóvão. é um lugar que oferece comidas típicas, roupas e ferramentas a preço de custo e também muito forró e espaço para dançar. Mariela foi ao local com uma amiga, Thereza Menezes. Durante hora e meia conversaram com os comerciantes, em suas barracas. Eles afirmaram que estavam no Rio a mais de dez anos e que eram "daqui mesmo", e não nordestinos.

Continuaram a busca surreal de nordestinos na feira nordestina até notarem que havia entre as pessoas a quem abordavam uma sutil comunicação no sentido de que não falassem. Eram olhares discretos e pequenos acenos; surpreenderam depois um gesto negativo de mãos e de cabeça. Essa comunicação não-verbal dificultava a abordagem. A resposta era sempre não, polidamente ou nem tanto.

No final da feira, um vendedor disse ser nordestino e querer colaborar. Enquanto falavam, alguns à volta perguntavam se eram da Rede Globo, outros se escondiam. Elas disseram ser psicólogas, o que causou menos emoção, mas ainda provocava curiosidade. Não é todo dia que pessoas solicitam entrevistas, aliás termo bastante "jornalístico". Um grupo cada vez maior começou a acompanhá-las, querendo diversão e fama gratuitas. Um colega do vendedor com quem conversariam avisou-as que o rapaz

era de Campos e não do Nordeste. Depois, acharam um rapaz mais interessado em abordar assuntos românticos do em que colaborar com pesquisa científica.

Desanimadas, desistiram da feira. Foram às imediações da Central do Brasil, procurar a chamada "Casa do Nordestino", tida como ponto de encontro de migrantes. Embora não soubessem a localização exata, encontraram a provável "Casa" fechada. Thereza chamou-me ao telefone, comunicando o insucesso da coleta de entrevistas na feira. Comentei que o local onde estavam era pouco freqüentado aos domingos. Thereza gritou "espera!" e desligou bruscamente. Só quando voltou a ligar, soube o que acontecera. Os arredores da Central são um movimentado ponto de prostituição. Ao ver duas jovens bem vestidas, uma prostituta embriagada avançou sobre Mariela, gritando que ela queria roubar-lhe o ponto, que era seu meio de vida. Não fosse a intervenção enérgica de Thereza e ela seria ainda mais espancada. Percalços da pesquisa para os quais não há preparo na universidade!

Começávamos mal. Por que os nordestinos não quiseram conversar? Por que se diziam cariocas? Tinham vergonha de ser do Nordeste? Naquela ocasião, tudo era um mistério insondável. Querendo resgatar algo positivo do episódio, discuti o problema com Junia de Vilhena, orientadora, que deu uma diretriz valiosa: sermos muito claras quanto aos nossos objetivos. Isto é,

deveríamos evidenciar para os entrevistados que eles poderiam ser beneficiados, mesmo indiretamente, com o estudo.

Para nós não era claro, no começo, o que significávamos para essas pessoas ou o que de fato poderíamos oferecer-lhes. O campo, como a vida, ainda nos traria o imprevisível...

1.2 - Primeiras entrevistas. As fotos dos operários.

Resolvemos falar com os operários no local de trabalho, sem vincular a pesquisa a uma instituição específica. De uma forma geral, nosso trânsito nas construções foi facilitado porque os operários queriam falar e ser ouvidos. Entrávamos nas obras e dizíamos querer a entrevista para:

"conhecer a vida de pessoas que deixaram o Nordeste e vieram trabalhar em construção. (...) Tentaremos com isso, melhorar um pouco a vida dessas pessoas ou pelo menos fazer com que elas sejam mais reconhecidas, valorizadas e respeitadas. Queremos escrever o que ainda não está nos livros." (Christiane)

A primeira entrevista foi feita por mim em outubro, com Antonio Vicente, paraibano, com uns trinta anos, casado e pai de quatro filhos. Atualmente fazia o que chamava de "*obra pequena*", reformas no acabamento de casas, serviços de jardinagem e limpeza. Essa foi a maneira que ele encontrou para prosseguir em sua profissão, porque é do que gosta e ao mesmo tempo evitar a indústria da construção civil, porque para ele "*dinheiro de obra é amaldiçoado.*"

No mês seguinte, através de Mariela, conversei com Francisco. Ela aproveitou a reforma do hospital onde trabalhava para entrar em contato com os operários e providenciar uma sala que garantisse privacidade. Francisco tinha uns cinquenta anos e a reputação de ser ótimo operário. Estava bem-humorado, mas

muito desconfiado. A certa altura, interrompi a gravação para perguntar pela espontaneidade revelada nas histórias um tanto exageradas, que faziam a delícia dos colegas. Só então ele deu a seu relato um tom mais pessoal, afirmando amar a obra. Também a preocupação com a educação dos filhos no Rio foi assunto dos mais presentes:

"Aí o que eu penso pros meu menino é isso... o que eu penso pro futuro é isso: estudar, ler tudo, né. E assim eles trabalham um tiquinho e de noite eles vão pro colégio. E as meninas pequenas tão indo pro colégio (...). O futuro do amanhã é a criança de hoje, né? A criança que tá bem de estudo é que chega lá. E que vota... e que aumenta o progresso. O progresso é através da leitura."

Christiane localizou uma construção com o portão aberto, no bairro de Icaraí, em Niterói. Entrando, foi levada ao mestre-de-obras, seu Manuel, que por sua vez indicou Josué. Ele aceitou ser entrevistado com interesse e um certo orgulho, não traduzido por palavras, mas que foi aparecendo em seu rosto quando narrava sua trajetória desde a chegada, inexperiente e despreparado, até conseguir estabilidade. No final da conversa, o mestre seu Manuel se aproximou para ouvir o relato. Josué dizia:

"Meu sonho é voltar pra lá. Não penso em ficar aqui toda vida, não. Eu gosto da terrinha! Por mais sofrido que seja, a gente vê um pessoal muito humilde, mas eu gosto de lá sabe?"

Perguntou se seu Manuel também gostaria de voltar à Portugal. Ele respondeu que sim, contando como sentia as diferenças entre os países, começando na comida e indo às relações humanas e se emocionou muito. Josué confirmou suas esperanças:

"Meu sonho é voltar pro Nordeste. Logo que eu puder eu volto pra lá. Não sei quando, só Deus sabe. Mas minha intenção é essa. É voltar pro Norte."

Os dois se sentiam fora da paisagem local, mantendo suas raízes com a terra de origem. O sentimento transmitido foi de que eles estavam de passagem, o Rio de Janeiro sendo visto como um lugar e tempo provisório. Identificados nos sentimentos, perdeu-se entre eles a hierarquia e as diferenças culturais, misturaram-se a saudade lusitana e a saudade paraibana. O clima ficou nostálgico, íntimo, e cada momento foi importante, porque fez a terra daqueles homens ficar mais próxima, ao alcance de uma palavra...

Com esse começo feliz, Christiane foi a outra construção, ainda em Icarai. Falou com Luciano nos fundos da obra, para evitar o barulho da rua. Não havia sala e tiveram que ficar de pé. (Nós logo verificaríamos que não há "settings" adequados nos canteiros de obras). Luciano, de aparência tristonha, falou em tom nostálgico:

"A saudade é demais. Oxe!, se a gente pudesse ficar, se eu mesmo pudesse ficar lá, eu não vinha para cá."

Ele indicou uma obra no centro da cidade para que Christiane procurasse seu primo Raimundo, que falou principalmente de acidentes. Não por acaso. Cinco meses antes da conversa, havia quebrado a perna, caindo do décimo andar e estava se recuperando.

Rejane, chegando a uma obra no bairro da Tijuca, foi atendida pelo vigia Francisco, a quem explicou a pesquisa. Ele riu, envergonhado, dizendo que, apesar de nordestino, "não dava para isso" e não queria falar. Outro operário, Jorge, falou que o nordestino era muito sofrido: "Para que saber desse sofrimento?" (Alguns operários, como ele, eram saudavelmente pragmáticos: "É prá onde essa pesquisa? É prá Prefeitura? É prá tevê?") E outra idéia transparecia: caso fosse uma curiosidade impertinente, a que faz com que as pessoas corram para ver os desastres nas estradas; podíamos ir cuidar de nossas vidas. Eles estavam muito bem sem nós). Rejane explicou que queria saber o que eles pensavam sobre suas vidas. Jorge disse que isso seria difícil saber, porque "eles não pensavam, não dava para pensar, pois a opressão é muito grande." Rejane ficou tão desconcertada com a resposta, que não conseguiu argumentar. Jorge lhe disse que o que os nordestinos sentiam ao deixar a terra de origem, estava resumido em uma música muito conhecida, cujo refrão é: "Só deixo meu

Cariri no último pau-de-arara".¹ Depois de muito insistir, Rejane o convenceu a ser entrevistado. Jorge não deu um depoimento, deu uma aula:

"A situação do nordestino, o pessoal que trabalha na construção é muito ingrata, porque é o seguinte: quando há chuva, que eles tem condição de lavrar, colher e plantar, eles ficam lá e (...) quando o negócio fica ruim, então eles tem que se mandar para cá. Muitos deles chegam a formar um certo ambiente e (...) tem construtoras (que) tem um pessoal mais organizado, que conhece o procedimento deles e já chega num contato e são encaminhados. Mas muitos deles ficam perambulando e hoje a situação está se tornando cada vez pior, que muitos desses já vêm aqui e não voltam mais, estão se tornando mendigos"...

Ele ocupava uma posição de liderança por ter uns cinquenta anos e por sua instrução, segundo grau. Como foi o primeiro a conversar com Rejane, abriu a possibilidade para os outros. Francisco, muito tímido, mostrou dificuldade em falar, só se expandindo quando o assunto foi saudade:

"A vontade de voltar, (dá) de vez em quando; eu tô assim, parado, deitado, aí fico pensando na minha família, mas é um pensamento leve, assim... é porque vontade de voltar, é sempre. Todo mundo que tem sua família, sua mãe ou seu pai em casa, tem uma lembrança e aí dá a vontade de voltar, mas aí a pessoa tá empregada um tempo, aí depois se for mandada embora vai. Se tirar férias pode ir lá e

Antonio apareceu no "escritório" durante a conversa com Jorge. Ele ficou andando de um lado para o outro, atento, acompanhado de um gatinho. Antonio logo se dispôs a falar, instalando-se com o animal no colo. Indagado se sentia saudades, respondeu:

"Sinto, só não volto o tempo todo, por causa que eu não consigo. Senão, de dois em dois meses eu tava conseguindo ir lá, mas eu não posso, então eu poupo, tento conseguir alguma coisa pra viagem. (...) Porque aqui eu consigo ganhar o pão de cada dia, ajudar meu pai e minha mãe a conseguir alguma coisa (...) eu procuro conseguir e vou me embora."

Sua emoção transbordava. Quando falou dos pais, chorou e em outros momentos, ficou vermelho e gaguejando. Antonio não queria, precisava falar.

Regane, em outra obra na Tijuca, encontraria Claudio, servente, vindo do Recife, onde trabalhava com a colheita de cana. Esta foi talvez a mais insólita das conversas:

"Infelizmente, eu nasci no Nordeste e lá a gente não tem uma vida assim muito boa, né? (...) Porque, infelizmente, eu não arrumei nada até hoje, porque (a construção civil) é um serviço que é muito desvalorizado. (...) Eu sei que não é uma profissão boa."

Claudio lamentava sua condição de nordestino e operário, numa depreciação amarga de sua vida. Todavia, foi dele que

ouvimos as palavras mais estimulantes: "Eu penso que como você está fazendo entrevista comigo e querendo favorecer meu lado e o dos outros também, eu gostaria que todo mundo falasse a mesma coisa que eu estou falando. Porque aí gente ia ficar numa boa"..

Christiane localizou José Antero, de vinte e quatro anos, um homem determinado, que queria melhorar sua situação e para isso, estudava até em suas horas de folga. Revelou sua descrença em relação ao Brasil:

"O negócio é o seguinte, eu acho que nenhum presidente melhora mais esse Brasil, não. (...) Porque entrou esse presidente falou que ia fazer e blá, blá, blá, que melhora as coisa, quer dizer, ele não melhorou, (está) de mal a pior! Falou que ia dar isso e dar aquilo, oh! Prá mim não tô vendo nada, a não ser prá outras pessoa que esteja do lado dele."

José Alberto, servente da mesma obra, a princípio indagou se a conversa era para televisão, mostrando-se cooperativo ao saber que não era. Ele tinha vinte e seis anos, mas aparentava trinta e cinco, a fisionomia envelhecida. (Para que se repetir na descrição desses homens? Trabalho e sofrimento cotidianos transformam rapazes de dezessete em velhinhos de trinta. Isso se vê no rosto. João Cabral de Melo Neto (p.74), porque poeta, fala melhor: "morremos de morte igual/mesma morte severina:/que é morte que se morre/de velhice antes dos trinta..." Continuemos). Christiane escreveu sobre ele:

"A expressão refletia o seguinte: "Quem sou eu para ser entrevistado? O que teria de importante pra falar pra essa gente? Tanta gente importante por aí, essa moça vem falar com um homem tão comum!" Digo isso, pois a reação dele me passou esse (...) questionamento. Aliás, todos até aqui, de certa forma, me transmitiram essa impressão. Porém, ele me passou isso com maior clareza e sentimento."

Quando já havíamos feito esses contatos, resolvemos tirar fotos dos operários entrevistados. Seria a forma de agradecer "em ato" pelos depoimentos. O presente poderia lhes ser útil, porque uma foto constitui certeza de bem-estar do filho, pai ou marido, para a família distante. Suas condições de vida não lhes permitiria pagar os custos de filme e revelação, sem falar na câmera. Decidimos procurar os lugares já visitados e oferecer fotos para os que participaram da pesquisa.

Rejane procurou Francisco, explicando que ele poderia ter uma foto. Sugeriu que a mandasse para o Maranhão, para a mãe ou uma namorada. Francisco não pareceu convencido: "*Esse negócio de tirar foto num é comigo, não.*" Josué e Adalberto também não quiseram ser fotografados. Uns alegaram que não tinham roupas adequadas, outros disseram que não haviam tomado banho, que eram feios ou eram "*caretas*". Pareciam envergonhados com o próprio aspecto.

Fotografar é congelar uma imagem no tempo. Por mais que as concepções do que seja um corpo bom, belo e sadio se diferenciem

nas diversas camadas sociais, (Muraro:1985) poucos gostam de tirar fotos sujos ou sem roupas consideradas bonitas. Alguns operários não tinham mais que duas camisas, outros não podiam tomar banho todos os dias, nas instalações sub-humanas do alojamento. Quem gostaria de uma foto nessas condições?

Christiane procurou Antero e Alberto. Quando falou das fotos, explicando que seria uma "lembrança", todos os colegas se entusiasmaram e foram para meio da rua. Houve consulta entre eles para saber qual seria o melhor lugar para fotos, dentro ou fora da obra? Para Alberto, dentro seria melhor; mas os colegas indicaram uma casa ali perto. Ele aceitou a opinião. Logo depois chegou Antero, de banho tomado, sorridente, vestindo uma camisa e ajeitando o cabelo. Nova consulta aos companheiros. Também foi fotografado em frente à casa.

Christiane contou que eles estavam tão alegres que mais pareciam crianças e a obra lembrava um parque de diversões. Foto é um "happening", é festa para pessoas que quando muito dispõem de um caco de espelho no banheiro. Ela ofereceu uma foto de todos os colegas da obra, juntos, para gratificá-los. Ou seria para prolongar a festa, que parecia eterna, mas era fugaz? Ela trazia alegria, como não prolongá-la?

Raimundo quis tirar fotos dentro da obra "*para guardar uma lembrança do serviço, para lembrar*"... Ao contrário dos outros

operários, cuja alegria expandiu-se portão afora; Raimundo queria quebrar a mesmice dos seus locais de trabalho. Queria talvez distinguir esse lugar, marcá-lo com sua presença, registrar, mesmo que para si, sua passagem.

1.3 - O Bairro Operário. A História da Fome Vergonhosa.

Nesse ínterim, visitei Itaúna, em São Gonçalo. Cheguei lá depois de conversar com Nilça Alexandrino, faxineira. Falei da vontade de ver os operários em suas casas, mas os que não estavam em alojamentos, viviam com parentes e minha presença poderia causar problemas. Nilça falou que seu bairro era ponto de chegada dos nordestinos. Por que não - sugeriu ela - fazer entrevistas e aproveitar para visitá-la?

Fui a Itaúna num domingo. Mariela me acompanhou, assim como meu marido, Éwaldo Blunck, que integrava a equipe como motorista, guia e segurança. O lugar é perigoso. Os trabalhadores vivem entre dois fogos, a polícia e os chamados "vagabundos", criminosos de todas as espécies.

Ao chegar, fomos recebidos por Nilça e por um terço dos moradores. Esses últimos tinham detectado a presença de um automóvel desconhecido "na área" e vieram ver do que se tratava. Vendo que não éramos interessantes e que nada de extraordinário aconteceria, os adultos se foram, mas muitas crianças ficaram rondando o carro e depois que nos viram na casa de Nilça, entraram para nos conhecer.

Fernando morava numa casa de alvenaria pintada, limpa e com quintal amplo. Ele tinha cerca de trinta anos, estava tranqüilo

e cordial. Apresentou-nos sua jovem esposa, que logo pediu licença para retomar as tarefas de casa. Sua sala reproduz muito da casa burguesa: estante, bibelôs, fruteira, quadros religiosos e, é claro, televisão. A vontade em sua casa, esse ex-operário (que atualmente é porteiro) nos deu importantes informações e depois nos acompanhou à casa de Lindoval. No caminho, avisou que Lindoval não sabia falar direito e seguiu conosco para ajudar a entender o vizinho. Francisco estava muito entusiasmado com sua participação e com a pesquisa em si.

(Na pausa entre as conversas, vi passar nosso carro transformado numa festa infantil. Meu marido dirigia em ziguezague com umas dez crianças dentro do carro, que gritavam de alegria e de medo deliciado. Para elas, carro era uma novidade divertida, ainda mais quando o motorista fazia a "dança das cabeças", nome da manobra que presenciei. Presumi que ganháramos de vez a confiança dos moradores. Fernando já havia nos advertido que era preciso cautela para transitar no local).

Lindoval tinha uma casa parecida com a de Fernando, mas que se diferenciava nos móveis e eletrodomésticos adaptados por ele e exibidos na sala. Sua esposa foi muito afável, conversou um pouco, mas saiu para nos deixar à vontade. Lindoval foi o único entrevistado de origem urbana e que não trabalhou na agricultura. Foi enfático quanto ao determinante político da situação do Nordeste e do Brasil:

"É verdade, (se) eu vou pego minha família aqui e vou pro Nordeste, vou com um pensamento: ou morrer lá na rua, de fome, ou então arrumar emprego; porque o Nordeste num tá mais pro futuro que nem antigamente. Antigamente, você arrumava emprego, tinha uma fábrica lá, o matadouro melhor que tinha lá em Pernambuco fechou, faliu. Muita fábrica faliu. Por causa do governo, né, troca de governo, o governo enche o bolso, fecha o cofre, acaba com cofre do estado. Então, aquilo ali fica uma coisa de falência... aqueles cara que tem fábrica ali, bota dinheiro num banco... fica só no iate, praia, fazenda... aí o povo fica procurando emprego na rua. Então, se eu declarar ir à Recife pra viver lá, eu num tenho condição de viver, num tenho!"

Não ouvimos nada tão marcante quanto a explicação de Fernando sobre a fome. Tudo começou quando ele comentou que, viajando para o Nordeste, ouviu dizer que alguém morrera de fome. Disse que não pôde continuar o assunto, pois seria ofensivo, "num pode falar lá, prá num estragar a moçada lá"... Ficamos curiosas, porque de fato esta palavra quase não apareceu nos relatos e nunca se referindo aos entrevistados. Pedi que nos explicasse porque era inconveniente falar de fome:

- "Por que o senhor falou assim: "a gente não pode falar que a pessoa morreu de fome" ?

- A gente num fala, porque se falar é ofendido.

- Tá ofendendo a quem?

- Tá ofendendo a quem tá lá. A pessoa falou: "Não, ele num trabalhou". Mas isso, é a pessoa que num tem mentalidade completa.

- Quer dizer que se a gente chegar prá uma pessoa (...) e falar assim: "Fulano, daqui,

morreu de fome; a gente tá ofendendo a pessoa de lá?

- É; porque as pessoas vai falar assim; né: "Não senhora, num morreu de fome, não".

- Foi de doença...

- Não, preguiça. Ele vai falar preguiça, já prá... assim, atrapalhar seu trabalho."

Estávamos diante de uma explicação que, longe de elucidar, confundia ainda mais. Para nós, não fazia sentido ter vergonha de um parente que sofreu morte tão cruel. Mas para Fernando, o importante era evitar que alguém falseasse os dados da pesquisa e para evitar isso, ele nos preveniu:

- "Ela vai falar assim (prá atrapalhar o seu trabalho, que a senhora tá fazendo um belo trabalho): "Não, ele morreu, porque ele é preguiçoso"; mas a senhora deixa que, pra quem sabe, é o contrário..."

- Não foi por isso.

- Ele morreu trabalhando.

- Foi fome mesmo.

- Foi. Mas as pessoa lá num vão falar que foi fome, já prá, né, derrotar seu serviço. A senhora vai pegar na entrevista, né (...) a senhora pode falar tudo certo... (mas) se falar uma que num foi certo, seu trabalho já derrotou! (...) Noventa e nove foi verdade. Se uma foi mentira, uma hipótese, né? Se a senhora errou; eu errei também... que seu trabalho já vai ficar... eles derrota, né."

Morrer de fome é uma vergonha para os parentes e tal sentimento os levaria a mentir, inventando outras causas para a

morte. Triste ironia: o morto pela fome seria recordado como aquele que foi para o Sul morrer de preguiça! O morto deixa para a família, além da extrema miséria, um estigma: o derradeiro vexame de ter sido vencido pela fome. Josué de Castro já falava da vivência de fome como vergonhosa para *"um povo inteiro de famintos, sempre preocupado em esconder ou, pelo menos, em disfarçar a sua fome eterna."* (1983:17) Embora fosse um tema proibido, a fome se fazia presente nas expressões utilizadas por *"um povo inteiro de barriga vazia, mas com a cabeça cheia de comidas imaginárias."* (p.23)

Só considerando as informações de Fernando justificase a omissão dessa "vergonhosa" verdade: os homens com quem conversamos confessaram não ter onde dormir, não ter roupas, morar "de favor" na casa alheia, mas não que lhes faltasse do que comer. Fome e vergonha, vínculo indissociável...

1.4 - Entrevista com Adalberto & Coro

A conversa com Adalberto e seus companheiros é contada a seguir como uma tragédia, franzina, anônima, "severina". Os personagens seguem o destino de serem mais um e ninguém nesta cidade. É bom destacar o papel de Rejane, querendo fazer da pesquisa um instrumento de libertação da palavra dos operários. Ela explicou suas intenções usando palavras inacessíveis para os operários ("divulgar a realidade", "comunidade científica", "universidades"). Tentando convencê-los da validade da pesquisa, pressionando-os, Rejane causou a explosão reveladora.

CENARIO: Mesma obra visitada; desta vez, no final do expediente. Num canto, os trabalhadores guardavam o material. Outros estavam saindo, as expressões refletindo cansaço. Rejane os chama, explicando o trabalho, mas eles não atendem...

OPERARIO TRISTE DO CORO: Sou de Minas! Não tem nada a ver, não!
(*diz isso com sotaque nordestino*).

REJANE (*à parte*): Eu me senti meio ridícula na situação. Não lhe dei resposta e ele foi embora. Chamei o vigia, Francisco, já entrevistado. Ele foi chamar Adalberto, que aparentava cerca de quarenta anos, mas tinha vinte e oito.

O CORO é formado pelo vigia Francisco; por um operário que

morava na obra e que tinha uma expressão de apatia e tristeza e outro homem que não morava na obra, mas continuava ali, apesar do expediente ter terminado.

ADALBERTO: Não quero fazer a entrevista. Não sei porque que me chamaram...

REJANE: Por que você está se negando a falar?

ADALBERTO: Eu não quero falar sobre minha vida.

REJANE: Você não precisa falar sobre um assunto que não queira; só estou aqui para ouvir o que você quiser. Não é obrigado a falar. *(Nessa altura, o CORO se agrupa e se aproxima. É tensa a expectativa).*

ADALBERTO: Não, mas eu não quero conversar. Falar do quê? Sobre o nordestino, como o povo sofre? No Nordeste não dá prá ficar, por isso nós é obrigado a vir pro Sul...

REJANE: Qual é o seu nome?

ADALBERTO: Adalberto Feliciano.

REJANE: Quantos anos o senhor tem?

ADALBERTO: Vou fazer... fiz vinte e oito anos, agora em janeiro.

No Rio, eu tô a oito mês... (A conversa prossegue. Durante o tempo em que falou, os dedos batiam no banco. O gesto lhe revelava a tensão).

O CORO mantinha-se próximo ao local em que estavam os protagonistas e fazia barulho, um eco confuso feito de interjeições de dúvida ou de aprovação. É o CORO DOS DESCONTENTES.

REJANE (Dirigindo-se ao CORO): Vocês ficaram aqui o tempo todo. Quem gostaria de colaborar com a entrevista?

FRANCISCO, no Coro: Eu já falei!

REJANE: Eu queria insistir para que vocês falassem, porque se vocês ficaram aqui o tempo todo, na certa tem o que dizer.

CORO DOS DESCONTENTES: Eu não! Eu já falei! Eu não quero falar!

REJANE: Vocês não estão a fim, tudo bem! Eu não estou aqui para prometer nada, mas o fato de divulgar a realidade de vocês para a comunidade científica, para as universidades, quem sabe já é uma tentativa de modificar alguma coisa?

OPERARIO DO CORO QUE NÃO MORA NA OBRA: é ruim, hein!

REJANE: O senhor mora aonde?

O MESMO OPERARIO: Moro numa favela aqui perto. Eu num sei, não, isso aí...

REJANE: Isso aqui é uma tentativa. Não é todo dia que alguém vem até uma obra, ouvir os trabalhadores. Divulgar isso é do interesse de vocês! É uma causa de vocês, de quem dependem todas as construções! *(Conclui exaltada)*.

O CORO DOS DESCONTENTES muda suas expressões. Aparece menos raiva e mais mágoa: Nós construímos para nunca mais poder pisar na construção! Essa é a nossa realidade! Nem para visitar! Nem prá visitar!

ADALBERTO: A gente se mata na obra e quando ela fica pronta, a gente não pode nem pisar na calçada! Nem na mesma calçada da obra! Tem que passar do outro lado da rua!

REJANE *(comovida)*: Vamos conversar...

OPERARIO QUE MORA FORA *(baixinho)*: Eu não sei falar bonito...

REJANE: Não precisa. Ninguém vai ficar analisando se você fala bonito ou não. O que eu quero saber é o que você tem para me falar da sua realidade. Só quem sabe é você.

ADALBERTO: O rapaz! Não precisa falar bonito, não. Fala um pouco da sua vida na obra, um pouco do Nordeste.

FRANCISCO: Quem está com para falar é o seu Fulano, adora falar.

ADALBERTO: Comigo não tem disso não. Eu também gosto muito de falar, fui e falei.

CORO DOS DESCONTENTES *(num tom muito tímido)*: Melhor prá falar é Fulano... Ele fala por nós! Ele sim, é falante. *(O CORO não quer se manifestar. É só um coro, que segue)*.

REJANE: Eu tenho uma máquina, se vocês quiserem tirar fotos...

CORO: Não. A gente ainda não tomou banho. Eu tô mal arrumado. Não, quero não. Volte outro dia. Volte outro dia, para tirar foto... *(O CORO não pode aparecer. Rejane se retira. Ela sabe que não adiantará voltar)*.

1.5 - Últimas Entrevistas

Em janeiro de noventa e um, Christiane localizou José Lopes. Tímido, sonhador e muito religioso, falou com esperanças sobre o sonho de sua vida: ser missionário. Tinha chegado ao Rio a só uma semana e teve o dissabor de ser enxotado da casa da irmã. Sobre sua vida na cidade:

"Não foi como a minha mãe pensou. Eu tô aqui hoje, porque alguém tentou me ajudar. Me ajudaram, me deram uns quinhentos cruzeiros aí. Só tinha duas camisas, principalmente. (...) Aí o povo: "Não sei como tu vévi com essa roupa." Eu digo: porque a minha mãe comprou e me ajudou. Mas eu sei que no Norte não tinha condição para mim, não."

Christiane fez contato com Baltazar, mestre-de-obras. Por intermédio dele, pôde falar com Cícero, um senhor de andar lento, em tudo traduzindo cansaço e tristeza, talvez por enfrentar o pesado labor de servente a mais de vinte anos.

"Seu" Baltazar, como bom mestre (Coutinho, 1980) era paternal, procurava saber de seus trabalhadores e por isso, era um conselheiro entre eles, que respeitavam sua idade e vivência. Coisa rara: Baltazar era separado e casado pela segunda vez.

"Eu tenho conversado com diversos amigo. Aqui na obra. Que nessa firma eu sou conhecido nela toda. Então toda obra que eu chego, todo mundo já me conhece. As vez um problema que aconteceu aqui também, a gente conversa e tudo"

Enquanto isso, Mariela conhecia Jovinaldo, no hospital. A conversa foi tensa e contida, com Jovinaldo formal e segundo ele, "tão nervoso que chega tava tremendo." Não sem motivo. Primeiro, estava tratando com a psicóloga da empresa, mesmo que falasse de assuntos pessoais. Segundo, a presença do gravador era inibitória, porque essas pessoas não estão acostumadas a seu uso e ficam tímidas ou começam a "impostar" a voz. Terceiro, a entrevista foi interrompida várias vezes por pessoas que abriam a porta, não sabendo que a sala estava ocupada. Por último, Mariela, em diversos momentos, pressionou Jovinaldo para que ele se detivesse nos pontos cruciais de sua história ou quando não concordava com seu ponto de vista. Foi uma entrevista em que tudo foi arrancado e, como tudo que irrompe, surpreendeu.

Já com Erisimar, o entrosamento foi fácil e caloroso. Original e divertido em suas colocações, Erisimar, falou da experiência de ser migrante, da efemeridade das relações pessoais, do trabalho árduo, da saudade de sua terra, do preconceito em relação aos que falam de maneira diferente. Assim ele pensou as mudanças em sua vida:

"Ai os planos morreram, todos eles. Ai seja o que Deus quiser! (...) E se um dia as coisas mudarem... mas eu acho que provavelmente vai ser difícil de eu voltar. Se eu não conseguir um bom dinheiro, e isso é o mais difícil, eu não volto mais pra lá, não. Aqui eu sigo o caminho pra frente, quem sabe! Ou pra trás mermo! Não sei! É a vida é mesmo cheia de imprevisto. Ninguém sabe o dia que é amanhã, nem hoje!"

Mariela falou ainda com Antonio e Francinaldo juntos, condição que colocaram para vencer a timidez. Francinaldo pouco se pronunciou, deixando que seu cunhado contasse os próprios erros e acertos após a chegada no Rio. Antonio Marcos falou de sua adaptação no morro, quando passou a compreender as regras da convivência com os marginais. Confidenciou que *"das cariocas eu tenho muito medo!*, porque acha que as nativas não sabem ser fiéis. O nordestino sofrerá ao se envolver com elas.

A última entrevista foi na obra de Baltazar. Quando ele me viu, grávida de sete meses e pedindo para conversar, olhou com severidade para os subordinados e abanou a cabeça, numa expressão de censura. Antes que algum mal-entendido relacionando minha gravidez e possível paternidade se instalasse, falei que estava pesquisando com Christiane. Ele ficou visivelmente aliviado e nos atendeu com cortesia. Já tinha falado com Vailton, que estava almoçando. Fomos esperar em um bar perto da obra. Avistamos um senhor no telefone público, com capacete da firma. Aproximei-me e expliquei nosso trabalho. Francisco quis ser entrevistado. Voltamos à obra para falar com Vailton e Francisco juntos. Francisco era um senhor magro, fechado, falando com relutância. Vailton, rapaz de uns vinte e cinco anos, era forte e se expressava com segurança.

Nessa conversa, estabeleceu-se um contraste notável. Embora tivessem vidas parecidas no Nordeste, tinham pensamentos e

intenções bem diferentes. Francisco só queria regressar e Vailton queria ir para São Paulo, porque o Rio tinha pouco para lhe oferecer.

Quando ainda conversávamos, o tempo de almoço se esgotou, encerrando a conversa. Vailton pediu que depois voltássemos. Entretanto, após um mês, um deles tinha sido dispensado e o outro transferido. Por coincidência, suas fotos queimaram. Perdemos toda possibilidade de contato com esses operários. Eles representam, para nós, o destino do migrante anônimo que quisemos retratar e resgatar: perder-se na cidade grande em busca de sobrevivência e dignidade.

"SAUDADE É UMA COISA E DIFICULDADE É OUTRA"...

Com esta frase, Fernando sintetizou seu conflito: sentir saudade do Nordeste e estar aliviado por tê-lo deixado. Duas idéias que se excluem: a terra tranqüila, onde era estimado e respeitado e, o que também é próprio de sua terra, a extrema pobreza, carencia e dificuldade de vida. Fernando diz que acertou ao partir. Mas sente saudade, presente a cada desafio enfrentado aqui. Como não pôde decidir entre as duas imagens, ele concluiu: *"dá saudade, mas não dá vontade"*. Não se pode desejar voltar, pois seria repetir o sofrimento que se quer esquecer. Também não se pode expulsar da cabeça as boas lembranças da terra natal.

Examinando as duas imagens do Nordeste, trazidas pelos migrantes ouvidos, cabe a pergunta: por que acontece o êxodo dos nordestinos? Garcia-Jr. (1983) fez uma pesquisa nas regiões do Brejo e Agreste da Paraíba e encontrou na ida para a cidade a forma que tem o camponês de permanecer em sua terra de origem. Tentarei elucidar a afirmação, aparentemente contraditória.

Para começar, utilizarei o conceito de comunidade semiótica, formulado por Bakhtin (1988). Ele designa o grupo social que faz uso do mesmo código ideológico, engendrado na atuação no mundo pelos que partilham idênticas condições de vida. Conhecer o uso social das palavras nos ajuda a saber da comunidade, já que as palavras estão sempre vinculadas às práticas sociais.

No interior da Paraíba, a palavra *sujeito* tem um sentido peculiar, que reflete (e refrata) as contradições sociais. *Sujeito* é o camponês que trabalha para o proprietário das terras onde mora. O fato de viver nas terras de outrem determina a submissão e falta de autonomia até mesmo no direito de ir e vir e nas suas decisões domésticas. Pode-se dizer que o camponês se inclui no que é do outro, pois a relação de moradia reproduz a idéia de que tudo está na terra é da terra. Outro nome para esse tipo de trabalho e trabalhador é *alugado*.

Já o *liberto*, ao contrário do *alugado*, é o camponês que mora no que é seu, sem qualquer subordinação do chefe de família. A maior conquista para os sujeitos é passar à condição de libertos. E se os camponeses já são libertos, permanecer assim traça toda a trajetória de vida, marcada pela determinação de não passar jamais a *sujeito*.

Garcia-Jr. (op. cit.) sintetiza a vivência subjetiva da condição de *sujeito*, mostrando que a sujeição "*marca todos os momentos e aspectos da vida do morador. E tem como efeito anular a própria predisposição do trabalho para si. (...) Que sentido há em plantar um grande roçado, construir ou reparar uma casa de morada de forma a ficar bonita, que podem ser a qualquer momento objeto desta fórmula de apropriação sumariíssima?" (p.60, grifo do autor).*

A existência da sujeição não é exclusividade da Paraíba, do Nordeste ou do Brasil, já que outros países a conheceram (ou conhecem) em diversos momentos históricos. Não é correto pensar que não há resistência à exploração: o assassinio de sindicalistas rurais, sacerdotes, trabalhadores e suas famílias é uma triste rotina. As cidades grandes chegam muito fracos os ecos da violência no campo.

Francisco falou da "apropriação sumariíssima" de tudo que possuía. Note-se que, em outra passagem, ele mencionou a amizade que tinha pelos patrões, proprietários da terra que cultivava e morava. Essa relação pessoal tornou ainda mais doloroso o que viveu. Embora dissesse inicialmente ter vindo para o Sul porque era o "sonho de todo nordestino (...) sei que eu vim conhecer e gosto do Rio até hoje", a história de suas perdas não deixa dúvidas quanto aos determinantes de sua fixação na cidade. Ele fez sua narrativa aos arrancos, com a cabeça curvada, a voz muito baixa e quebrada:

(...) "Porque eu... o meu patrão, ex-patrão lá, ele me bagunçou, ele ... acabou com a minha lavoura, a minha roça que tinha tudo e me deixou eu com a mulher e o garoto... é um negócio que eu nem sei nem admirar como é que foi aquilo; porque ele... colocou as vaca dentro da minha lavoura, acabou com tudo... então eu fui lá prá vê se ele me indenizava, né? E ele disse que não me indenizava... Aí, eu prá não arranjar desavença comigo e minha mãe também morou lá (...) na propriedade dele; aí eu vim embora aqui pro Rio.

- As terra eram dele?

- É dele! Quer dizer: ele dizia que era dele. Hoje tá tudo pelo... todos ele é proprietário lá, porque... esse negócio desse setor rural, cada um deu a sua propriedade... (Sua voz é quase inaudível, um murmúrio) Eu ainda esperei de levar.

- O senhor era morador?

- É, eu morava lá.

- Ah o senhor... trabalhava prá ele...

- Não! Eu trabalhava prá mim (...) e trabalhava na roça. Em dois ano a gente pagava o direito dele na fazenda. Inté que ele... inté que um dia ele precisou desse trecho dos meu filho; eu tinha um trecho assim... era três hequitare (...) da porta da minha casa, ele... tudo. Tudo (...) que-tava com a minha roça, ele... pegou e jogou as vaca dentro.

- Sem te falar nada?

- Não... eu perguntei a ele, e ele disse: "Francisco, isso lá é meu... prá eu fazer o que quiser!" (...) Acabou com as minha roça! Mandou eu procurar direito, eu deixei, (...) até hoje... fui embora; a mulher ficou. Nesse tempo a mulher (...) foi prá casa do pai."

A venda da força de trabalho do sujeito não garante sua subsistência, principalmente quando chega a seca. Nesta época, especialmente no Agreste, não só plantar é impossível, como fica difícil a provisão de água para as necessidades mínimas.¹ Tais vicissitudes impõem a estratégia de sobrevivência: trocar o trabalho alugado pelo emprego, a ser conseguido no Sul.

1. Essas sações são bem conhecidas. A mídia explora esse quadro de penúria extrema, repetindo-o ano após ano, naturalizando-o, mostrando a fome tão inevitável quanto o são as estações. Isso ajuda a fazer com que acreditemos que essa realidade é inevitável.

No emprego ganha-se pelo menos o salário mínimo e os direitos trabalhistas regulares, o que a maioria dos camponeses nunca chega a receber dentro da propriedade. São essas as "vantagens" que tornam atraentes a migração e o emprego.

Para o Sul vêm os que vivem da sujeição e alimentam a esperança de economizar, voltar, adquirir terras e finalmente morar em um lugar próprio. Vêm também os pequenos proprietários que querem garantir a situação de libertos. Migram os rapazes solteiros, porque o cinheiro conseguido permitirá a ajuda ao pai e o próprio casamento. *"O Sul é o caminho do roçado"*, porque permite ao nordestino uma existência menos pobre em sua terra e o fim da condição de sujeição.

É evidente que o salário mínimo não é uma remuneração tão farta que permita fazer poupança. Os trabalhadores conseguem (ou tentam conseguir) esse prodígio porque aceitam condições de trabalho e de residência muito precárias e inseguras. Os nordestinos subsistem e sustentam de longe as famílias vivendo daquilo que Garcia-Jr. (p.243) chamou *"subconsumo do subconsumo"*, morando na obra para economizar despesas de transporte e de hospedagem. Esse subconsumo é ainda mais espantoso quando se sabe que o salário mínimo em abril de noventa e dois foi de apenas cinquenta e um dólares.

Existe uma unanimidade entre os entrevistados da presente pesquisa no que se refere à estratégia de sobrevivência através da migração: está cada vez mais difícil, senão impossível economizar, sustentar os que ficaram lá e sair da sujeição. Dois operários que nossa equipe ouviu, falaram que a própria sobrevivência no Rio está ameaçada e que voltariam na primeira oportunidade. Acredito que migrar afigure-se inicialmente como a solução pensada; mas o atual período de recessão tem dificultado muito a concretização das esperanças. Alguns tem uma vida errante, onde a cada demanda de recursos impossíveis de serem obtidos lá, corresponde uma temporada no Rio. Cícero é um desses camponeses-operários. A eterna migração a que está condenado impossibilitou que ele aprendesse qualquer profissão. é servente a vinte anos:

- *"Como era a vida do senhor lá no Ceará?"*

- *Lá é trabalhando na roça, no interior. Quando dá, no verão procuro um roçado (prá) no inverno plantar. E fica o tempo todo naquela vida. Aí (é) quando a gente vem prá cá trabalhar de ajudante.*

- *Por que o senhor resolveu vir prá cá?*

- *É porque o negócio tá meio ruim, lá tem época que o cara não ganha dinheiro nem prá comprar o café, né? Aí o cara tem que ser virar. Se tiver documento, tem que se virar. Aí se não tiver, fica por lá mermo... Mas é brabo!*

- *O senhor deixou a família lá?*

- *Deixei nove filhos e a minha mulher.*

- *E eles trabalham lá?*

- So tenho dois que trabalha o resto é todo pequeno, criancinha... O mais velho ainda não tem... agora que tem dezessete anos.

- Como o senhor faz? Vem prá cá e fica aqui quanto tempo?

- Fico... seis mês, oito... é o máximo! Ai volto, no caso, prá cuidar de outro roçado. Ai saio e eles ficam lá tomando conta e eu fico daqui (com) um pouquinho de dinheiro, que ninguém ganha muito, não é, ganha pouquinho. Ai fico mandando um pouquinho para eles.

- E assim que o senhor veio prá cá, em sessenta e nove, (...) pela primeira vez, o senhor já ficou em construção civil?

- Na primeira viagem, foi. Vim no dia... treze de novembro de sessenta e nove. Primeira viagem... Passei três ano aqui, direto. Ai fui embora. Ai, me casei. Quando eu casei, passei lá três ano. Ai voltei a ficar aqui de novo. Ai vim todos ano. Todo ano a gente... tem vinte e uma viagem aqui.

- E como o senhor faz? Deixa a família lá e fica mandando o dinheiro?

- É, fica mandando dinheiro, prá ir se arremediando lá e vão fazendo os serviço da roça."

Essas idas e vindas são arriscadas. Quando o pai vai procurar sustento no Sul, seu grupo familiar fica muito mais exposto a perigos. A família nem sempre permanece unida, pode se desagregar pela falta de notícias, de contato entre as pessoas. Antonio Vicente fala do rompimento dos laços de família, quando o pai se ausenta e afirma que o esforço para tentar sustentá-la a distância, principalmente com o trabalho em obras, é vão:

- (...) "E a maioria do pai de família vem lá do norte, vem no disispero. Larga a família lá, tá entendendo? Prá vê se arruma a vida aqui no Rio; termina Norte, que a passagem cada dia, cada dia com aumento, ele num consegue ir mais mesmo. E a família termina se separando um do outro, que eu conheço uma porção.

- Perde o contato com a família?

- E perde o contato com a família e num sabe se um filho dele tá doente, se tá vivo, se tá morto. Só sabe, quando sabe anúncio de carta: "Chegou uma carta, fulano morreu!" Né? Por que? Que ele tá correndo atrás duma obra aqui prá ver se ele manda um dinheiro prá criança comer um pouquinho melhor em casa. Ai isso ele não consegue, porque ò que ganha aqui só dá prá ele comer, só dá prá ele justo comer! (...) Então, quando eles vem prá cá, cabra lá (é) de ter cinco, seis filho em casa esperando... eles telefona, manda uma carta... "Gã, que eu vou mandar aqui um dinheiro no correio prá vocês fazer uma comprá pro mês". Então todo mês tem que mandar aquele dinheiro, entendeu?

Por mais difícil que seja viajar para o Rio, ainda é mais difícil continuar no Nordeste. A terra natal permanece como referência de saudade, segurança e tranquilidade. Entretanto, Claudio não atribuiu qualquer qualidade positiva ou nostálgica ao Nordeste. Ao contrário: usou os termos mais depreciadores para descrever sua condição de nordestino.

- "Bon, eu gostaria que você falasse como era a sua vida, antes de você vir para cá?

- A minha vida, foi uma vida assim, sacrificada, né. Infelizmente, eu nasci no Nordeste e lá a gente não tem uma vida assim muito boa, né? Porque até em termos de estudo, essas coisas, as pessoas lá do Nordeste, os pais da gente não tem uma possibilidade de dar

estudo para gente, então a gente cresce, nós crescemos também, e tomei entendimento de uma pessoa adulta e vim para cá, para o Rio trabalhar. (...)

- E o que você fazia lá no Nordeste?

- No Nordeste, fazia serviço grosseiro mesmo, capinar...

- E você gostava de trabalhar com a terra?

- Não, não gostava não. Tanto é que quando eu completei meus dezessete anos, eu me dirigi a ficar por minha conta, eu saí a luta; tanto é que eu estou a doze anos que e, não vou dizer que não gosto de lá, eu gosto sim, porque foi onde eu me criei, eu gosto e um dia eu vou ter de voltar lá.

- E você pensa em voltar para lá?

- Penso em voltar porque infelizmente é a minha terra onde eu me criei, não vou dizer pra você que eu não gosto de lá, mas primeiro do que tudo eu tenho que fazer para voltar."

Quero assinalar neste discurso o emprego da palavra *infelizmente*, que aliás apareceu sempre que ele se referiu à sua inserção social, no Rio ou no Recife. A expressão "não vou dizer que não gosto de lá", com a (re) afirmação de que gosta, tem o mesmo sentido de admitir alguma coisa, isto é, um sentido de confissão ou de concessão. Outro elemento importante, porque evidencia a desvalorização do Nordeste é que, na sua fala, a conclusão lógica de ter "tomado entendimento de uma pessoa adulta" é migrar.

A palavra trabalho na sua comunidade semiótica designa o trabalho agrícola para si mesmo, assim como o emprego na

indústria da construção civil, enquanto o trabalho alugado não o é. Para Claudio, a atividade agrícola que exercia era *serviço grosseiro*, o que aponta para a possibilidade de que ele tenha trabalhado alugado. É visível a coloração pejorativa da atividade agrícola, para ele grosseira, indesejável.

A contradição entre a vontade de ficar e a necessidade de partir, foi resolvida por Lindoval com a completa supressão de qualquer recordação, qualquer imagem para ser evocada, qualquer lembrança de sofrimentos e privações que lhe atravessaram a infância e lhe acompanharam até a cidade grande. Como o Nordeste é terra de não, de privação, para Lindoval ele não existe.

- "O que eu tive aqui, o que eu tenho aqui, eu não tive no Norte e nunca sonhei, nunca, ter. Nunca tive! Eu o que tinha lá era o trabalho, era... problema... financeiro; dificuldades financeiras; eu tinha a vida muito sofrida, entendeu? Era uma coisa que... o Nordeste prá mim num existe... Eu sou nordestino, mas num existe prá mim.

- Por que não existe?

- Porque o nordestino... se eu sair daqui agora, do Rio de Janeiro prá ir prá o Nordeste, eu vou sofrer a mesma coisa que eu tava; eu vou sofrer mais ainda. Porque... aqui eu tiro pelo colégio, se não tiver uma vaga prá você estudar, você num estuda, mesma coisa é o Nordeste. Então eu sai".

Claudio lamenta o Nordeste. Lindoval para esquecer o sofrimento, o suprime. Vailton mostra que se importa com o

Ceará e politiza sua preocupação. José Antero soluciona magicamente seu dilema entre a adaptação e a saudade.

(...) "agora, o que eu acho de errado é o povo de lá. Então, por causa daqueles que não tem condições de sobreviver, todo mundo saindo fora, ai desvaloriza o lugar da gente mesmo, entendeu? Mas os pessoal é que faz isso. Poderia ter um governo melhor, porque eu acho que Rio, São Paulo, prá mim não faz diferença, é um estado como o estado do Ceará, deveria existir fábrica, obra, essas coisa, pro pessoal sobreviver melhor. É isso que eu penso! Agora, a gente vem de lá prá cá, vem prá se dar bem, às vezes não se dá."
(VAILTON)

- (...) "é o seguinte: eu tenho vontade de voltar, mas as condições não dá, né? Voltar, assim, passear, porque morar mesmo não tem, não dá porque a gente não tem como ganhar lá, né. Se tivesse o mesmo, capacidade que aqui tem, a gente sempre... a nossa terra, junto dos pai da gente seria melhor, às mil maravilha, né? Mas não dá, não dá, por causa que lá nunca é... o preço é o mesmo, mas os patrão mesmo não paga. Não tem a facilidade que tem aqui no Rio, né. Não tem mesmo, então, a gente tem vontade de ir sim, só passear, mas prá morar mesmo, só se tivesse dinheiro prá... se a sorte viesse a mim, não eu iria à sorte... Ganhar na loto, uma coisa assim, ai eu ia morar numa fazenda lá; (ou) na beira da praia lá, que as praias lá é uma maravilha. Então (...) a gente não tem condição de viajar, a não ser se ganhasse uma passagem de graça, assim, tipo igual a Silvio Santo tá dando, mas é muito difícil, isso". (JOSÉ ANTERO)

A esperança de voltar, o sonho de aquisição de "riquezas", a saudade, a estranheza em relação à cidade, apareceram também no emocionado discurso de Erisimar:

- "O que te faria voltar pro Nordeste?"
- Uma sena bem gorda! (riso)
- Uma ceia?
- Uma sena! (riso) Uma sena, um jogo, sei lá. Porque o salário mesmo, não dá prá você segurar dinheiro, não.
- Você tem saudades do Nordeste?
- Tenho. Tenho porque simplesmente pelo simples fato... aqui eu não tenho ninguém! Ninguém. Nem pai, nem mãe, nem parente, ninguém aqui no Rio. Lá eu tenho pai, mãe, irmãos, amigos, primos, tios, todos, eu tenho lá toda minha raiz... está lá! Aqui eu sou simplesmente uma coisa que está fora. Estou fora deles. Lá seria diferente, porque eu tô junto com minha família. Então eu sinto saudade de lá porque minha família está lá. Da terra mesmo eu não sinto saudade. Sinto saudade do meu povo."

Erisimar utilizou *gente*, *pessoa* e "*cara*", para se referir aos indivíduos da espécie humana. Quando dizia *pessoa*, geralmente assinalava os que ele dedicava algum sentimento especial, de amizade ou amor. *Gente* foi empregado para o coletivo de indivíduo ou para se incluir em alguma experiência, substituindo a primeira pessoa do plural. "*Cara*" apareceu designando homens que conhecia pouco ou por quem tinha certa animosidade. Apareceu também como tratamento íntimo e para falar de si. Quando ele se diz "*uma coisa*", o termo se contrapõe pejorativamente às palavras que selecionou para referir-se ao ser humano. *Coisa* é inanimada, abúlica. Ele se diz "*uma coisa que está fora deles*". Fora de família, amigos, povo, excluído de qualquer relação de pertencimento. E tentando estabelecer uma

separação entre as duas faces de sua terra: *"Da terra mesmo, eu não sinto saudade. Sinto saudade do meu povo"*.

Mostrando em outra passagem a ambigüidade de seus sentimentos em relação ao Rio e ao Nordeste, Erisimar diz como se sentiu ao voltar, a passeio, ao Ceará:

- *"Sentiu alguma diferença? Sentiu falta de alguma coisa, quando estava lá?"*

- *Senti falta da bagunça da cidade.*

- *Você gosta da bagunça?*

- *Infelizmente, por incrível que pareça... é loucura: a gente sai de casa cedinho, enfrenta ônibus, trem ou barca, ultimamente eu tô enfrentando barca."*

Concordo com Caminha (1982) quando afirma que a causa das migrações é econômica e social, não podendo ser reduzida às explicações psicológicas ou psicopatológicas. É evidente que há um determinante psicológico, mas secundário em relação aos fatos socio-econômicos. Encontrei nos discursos motivações que se somaram às "causas sociais da migração". Um exemplo é o caso de José Lopes. Ele sempre desejou ser missionário, o que não era bem visto pelo pai adotivo. O pai lhe impusera o trabalho na terra enquanto tentava a vida no Rio. José se ressentia desse serviço não remunerado e de não poder se realizar. Veio para o Rio, não teve sucesso e voltou a trabalhar para o pai. Com a cumplicidade da mãe, fugiu do pai-patrão pela segunda vez:

- "A minha vida era trabalhando na roça. Trabalhava o dia todo e às vezes trabalhava de sete até às onze horas. As onze, ia para casa, almoçava, ficava um pedaço em casa e depois ia novamente para o roçado, trabalhava até quatro horas. E meu pai aqui (no Rio) e eu tomando conta do roçado lá. Meu pai ficava aqui trabalhando, só mandava dinheiro prá gente comer mermo e não mandava dinheiro prá mim. Então eu digo: "Não tô fazendo nada, trabalhando pro meu pai sem ganhar nada". (...) Ai mandei dizer prá ele: "Pai, vem embora, que eu vou prá ser missionário. Seminário, prá ser missionário." Ai meu pai disse: "Olha, eu não dou ponto prá esse home que vévi com história de ir prá seminário. Não dou ponto. Que vévi atrás de padre." Ai eu digo: "Se o senhor quiser dar o valor, tudo bem. Se não quiser, não dê." Ai, nisso ele não me deu dinheiro, não me deu nada. Eu disse: "Sabe de uma coisa? Eu vou procurar o meu caminho."

Minha mãe tinha muita vontade que eu saísse de casa, que via como era as minhas condições, né? Ai disse: "Meu filho, arrume a passagem emprestada e vá se embora. Deus Ihe proteja lá, dê muita coragem prá você trabalhar, conseguir um bom serviço." E fiz como ela quis. Panhei dinheiro emprestado, cinco mil a um. Vendi um animal por três. Ela botou dois mil e enterou. Panhei dois mil emprestado prá comer de viagem. Então cheguei até aqui. Cheguei, eu viajei no domingo às catorze horas, cheguei terça-feira às dez e meia.

- Agora? Essa semana agora?

- Sim. Hoje faz oito dia. Ai, eu fui lá...

- Mas, por que você decidiu vim pro Rio?

- Por que eu decidi? Porque eu queria. Eu tinha muita vontade de vim. Há dois anos que eu queria vim. (...) Ai nisso eu tô trabalhando aqui, mas sempre querendo arrumar um estudo aqui. Pró estudar, prá ir a minha igreja sempre. Eu não posso deixar, abandonar. Desde criança que eu tenho essa vocação. (...)

- Foi a quanto tempo atrás (a outra viagem)?

- Dois anos. Então eu não gostei, porque era carregando cimento na cabeça e eu vinha com pobreza na cabeça, doente. Ai então eu comecei... a minha desgraça foi porque eu comecei a beber. (...) Ai meu pai viu as minhas condição e voltou prá trás. Ai nunca mais ele queria arrumar dinheiro prá mim vim se embora. Pra eu vim até agora mesmo foi com dinheiro emprestado. (...) Ai eu disse: "é, quer dizer que ia prá outra obra e eu ia ficar aqui trabalhando no inverno prá o senhor. Eu não aceito isso mais não." (Aqui, ele aumentou o tom da voz e ficou apontando com o dedo, como se estivesse com o pai à sua frente). (...) Ele veio prá cá e viu... ficava sabendo das conversa e me botou prá... e me botou prá trás, prá casa. Ai, bom, durante esses tempo, passei dois ano lá no Norte. Eu era bem de vida hoje, se não fosse um cara tão... cara novo não sabe o que faz."

Há uma crença generalizada que o migrante vem buscar na metropole uma vida paradisíaca. O que se procura aqui é uma vida melhor, não uma vida ideal. Garcia-Jr. (1988) verificou que há termos de comparação, apontando o melhor ou o pior no Sul em relação ao Norte. Entre outros aspectos positivos, o autor menciona o Sul como o lugar de "trabalho certo e ganho certo e de recursos (escolas, hospitais)". Mas aqui é também um "lugar agitado, de assaltos, bandidos". (p.253) é aqui onde os trabalhadores são ultrajados com o apelido de "paraibas", nome que estigmatiza e desrespeita o migrante pobre.

Encontrei nos relatos comparações semelhantes, onde a cidade perdia em alguns pontos e ganhava em outros. O mais preocupante foi a violência urbana, da qual são vítimas frequentes. Primeiro, porque não conhecem os perigos que a cidade oferece.

Segundo, porque se sentem desamparados quando são ameaçados e não têm a quem recorrer. Terceiro, porque não compreendem nem aprovam moralmente a "malandragem" com que têm que conviver. O Rio é corrupto e violento, se comparado ao Nordeste. Adalberto fala de sua terra, afirmando que na metrópole a honestidade não é regra geral: "*é o melhor do mundo! A gente pode sair, voltar a hora que quiser, posso tomar umas birinaite, ninguém mexe com o cara, (com) dinheiro, relógio, tudo. As veze (lá) tem um colega, (que) apanha e guarda (os objetos). Aqui não. Se bobear, o cara toma do cara na rua, uns safado, né? Uns crioulo forte desse aí. Inclusive, eu já fui muito roubado aqui, aí, mas o Norte é bom demais, num é sacanagem, não! Fui criado lá, eu adoro, o melhor lugar do mundo"...*

Estudando literatura de cordel, Azevedo (1991) diz que os cordelistas - migrantes também - mostram ambigüidade em relação à cidade, que se traduz em resistência, já que eles: "*reconhecem sua subordinação, mas demonstram ser seletivos na incorporação de hábitos e de valores, resguardando de alguma forma a utopia.*" (p.80) A resistência à imposição dos valores da cidade preserva a utopia de uma terra digna de receber o amor de seus filhos, o sonho do Nordeste poder existir.

Por muito que assimilem, os nordestinos não têm amizade íntima com os cidadãos. As próprias relações amorosas são regidas pelo mandamento implícito: ao escolher a parceira, evitar

as cariocas e preferir as "conterrâneas". Educados segundo uma moral conservadora, os nordestinos evitam os citadinos, primeiro por medo e depois por não compreenderem alguns valores, como a importância da aparência pessoal ou ambição.

Não quero com essa observação ressuscitar o "bon sauvage" ou fazer uma apologia da inocência do pobre camponês; apenas aponto para diferenças. Por exemplo, a palavra "enricar" para essas pessoas, não quer dizer ficar rico. Traduz-se como "melhorar", ter estabilidade, remuneração razoável, assistência médica e educação para si e para os filhos. A frustração de muitas das expectativas, fez com que Erisimar se posicionasse de forma crítica em relação às possibilidades de prosperar no Sul:

- *"Não, simplesmente digo uma coisa... Eu antigamente era muito iludido quando via aqueles caras que chegava daqui, lá. Os cara tudo metido, numa "chinfra" danada. Todo bem equipado, roupa, sapato, não sei o que. Ai eu achava que era uma coisa muito legal, que se podia ganhar dinheiro fácil. Era fácil, vida fácil. Mas simplesmente eu falo que não é nada fácil. Esses caras mentem muito. Eu não aconselho ninguém, não. Se você tá bem lá, se dá prá ir ganhando seu pão de cada dia, dá prá criar seus filho, fique lá mesmo que é melhor. Eu acho que a vida aqui não é fácil, não. É muito difícil. Que simplesmente você alugar um lugar prá morar já é difícil. Você vem prá cá trabalhar numa construção, morar num alojamento cheio de percevejo, cheio de bagunça, origas, não é nada legal. Eu não aconselho ninguém prá vim prá cá, não."*

- *Você está arrependido de ter vindo?*

- *Não, eu não tô arrependido de ter vindo, não. Não estou arrependido pelo simples fato*

de que eu consegui muita coisa boa por aqui já: conhecimento, coisa que eu não sabia, eu sei agora, coisa que eu era totalmente cego, agora já sei muitas coisas, conheci gente diferente, conheci uma pessoa especial na minha vida"...

A entrevista com Antonio Marcos também mencionou os migrantes que retornaram ao Nordeste para se gabar do sucesso que alcançaram: "os bonitinho lá do Rio, foi isso que me incentivou: eu vou lá! Então, quando tive aqui no Rio, digo: "Oh! aqueles cara que chegam lá, tudo mentindo e por causa que eu cheguei aqui no Rio, estou nessa solidão!"

Como Erisimar, Antonio Marcos foi seduzido pela aparência dos jovens que já haviam partido. Passou pela dificuldade inicial no Rio, momentos dolorosos e sem garantia de sucesso. A solidão, a efemeridade das relações humanas, o anonimato, a falta de identificação com a cultura urbana, o trabalho brutal na construção, a ausência de integração e pertencimento à cidade, o medo em relação a tudo e a todos, a dolorosa saudade da terra e dos parentes, foram sentimentos e experiências comuns a todos os migrantes. Alguns se adaptaram e adiaram o desejo de retornar para um futuro distante, para a velhice ou para nunca mais:

"Eu daria um conselho, sim (...) a quem vai atrás de batalhar. Por causa que eu conheço muita gente aqui do Rio, que vem lá do Norte e chega, consegue as coisas, mas também aqui é um pingo de sorte, porque é o seguinte: não é só chegar aqui lá de boca aberta, tem mais que vir batalhar, que ele vai conseguir. (...)

Quando eu fui lá no Norte, alguns colegas me paravam: "Aí, Antonio, como é que é, lá é bom? Lá é ótimo?" "É melhor do que aqui, não tem dúvida, em muitas coisas lá é melhor do que aqui, é só uma coisa que (aqui) é melhor é a tranquilidade, você fica mais a vontade, você descansa mais e lá é aquele ba-ba-bá danado. Então é o seguinte: lá é muito bom, se você chegar lá, vai se acostumar. Você com o tempo vai ver que não quer mais vir aqui. Eu não pretendo ir na minha terra, com a vida que eu levava lá, primeiramente, a única maneira que eu iria é eu trabalhar pra mim.

Então, por isso eu digo, você vai pra o Rio, chega lá, você vai batalhar que você vai conseguir uma coisa melhor e com o tempo, no final da sua vida, assim quando vai ficando mais velho, vai tendo mais idade, então você pode parar, arrumar um cantinho mais cômodo pra você, pode terminar sua vida lá. O caso é o seguinte: lá arruma sim, dependendo do que você vai arrumar, você vai trabalhar, seu objetivo foi de um trabalho bom, você vai conseguir as coisas rapidinho: eu conheço muito colegas aqui no Rio, que chegou com uma mão na frente e outra atrás, como diz o outro, e aqui conseguiu muitas coisas, né, hoje em dia tem botequins."

A entrevista de Marcos é reveladora de suas transformações no Rio: primeiro, o desespero e o arrependimento de ter vindo. Depois, a assimilação de alguns valores da cidade, a luta para melhorar suas condições de vida, mostrando uma mudança nas suas perspectivas: não se trata mais de sobreviver temporariamente, mas de permanecer. A escolha do Rio como lugar definitivo está retratada na sua volta ao Nordeste: objeto de interesse e curiosidade de todos os rapazes, para quem viajar é uma promessa permanente face à dura realidade, ele agora é o "bonitinho do Rio", o que partiu e foi vitorioso, aquele que conseguiu realizar seus desejos. E como seria de esperar de seu novo "status",

Marcos recomendou que eles viessem; garantiu, com o peso de sua experiência, que eles se acostumariam; afiançou-lhes o sucesso, ofereceu-se como exemplo, completando a sedução. Da sua narrativa de homem realizado está excluído todo naufrágio emocional que espera o nordestino na Cidade Maravilhosa.

"O NORDESTINO GANHA SO UM FARDO DE VENTO E SOL..."

Analisarei agora a relação entre trabalho e subjetividade dos migrantes. A troca da relação com a terra, provedora do sustento, por uma sociedade de consumo, tecnológica, não pode ser descrita apenas como a troca da enxada pela colher de pedreiro. Trata-se da mudança radical de todo o universo da cultura ao contato com outras organizações sociais.

O trabalho na construção civil foi pensado pelos operários como tendo dupla face: por um lado, a proteção, a garantia de emprego e sustento da família. É a face da gratificação de ver a obra terminada, de aprender, de saber fazer e poder criar.

A outra face é a do sofrimento, da desvalorização, da ironia de não poder sequer conhecer o prédio construído pelo próprio esforço. É a face da brutalidade das tarefas, do esforço físico extenuante, do constante risco de acidentes, do medo, da instabilidade no emprego. Foi comum encontrar na mesma entrevista os dois pólos antitéticos, misturando amor e ódio pelo trabalho e caracterizando o conflito.

Para apresentar esses sentimentos antagônicos, começo pela positividade, traduzida por Francisco: *"Eu amo o cabo da minha colher. Eu amo!"* O mesmo operário disse que os nordestinos, construindo a cidade com seu trabalho, ganham *"só um fardo de vento e sol."*

3.1 - "Eu amo o cabo da minha colher"...

O único trabalho que pode ser feito pelos migrantes sem qualquer experiência é o de servente. Esta profissão é acessível aos recém-chegados porque não exige qualquer qualificação, nem mesmo que sejam alfabetizados. Exige apenas uma coisa: força muscular. Observei, em todos os relatos, que o trabalho de servente não é considerado profissão. Perguntei a Fernando porque essa distinção se estabelecia:

- "Servente é profissão?"

- É.

- Mas o que eu tenho notado nas entrevistas é que a pessoa começa como servente para ter uma profissão. Quer dizer que servente não é uma profissão tão valorizada como a de outro?

- É não. Bom, a senhora vai numa firma, né. A senhora vai trabalhar de servente; a senhora pode ter o segundo grau, pode ter qualquer grau, né, com oito dia a senhora pode sair de servente pra ser uma chefia, uma coisa assim. Ser uma profissional mais elegante, né..."

é notável o uso dos verbos *ser* e *sair*. O verbo *ser* é aplicável quando se trata de qualquer profissional, mas não à categoria de servente. Pode-se "*sair de servente*", não deixar de se-lo, porque servente não é, não é nada, subjetivamente falando. Christiane perguntou a Antero o que é ser servente:

"É a pessoa que anda com carrinho de mão, é saco de cimento na cabeça, que descarrega caminhão, entra dentro de um poço de lama, cava, depois vai descendo, cavando, jogando

prá fora. E aquele profissional, não. Profissional já tem o serviço certo dele. Igual a eu como eletricitista. Eu faço somente a parte elétrica."

A resposta de Antero é uma descrição de tarefas "soltas", que só atendem aos objetivos imediatos. Acentuo aqui a diferença de valoração entre servente e profissional, o primeiro pejorativo em relação ao segundo e também a frase: "*Profissional já tem o serviço certo dele.*" O serviço do servente não é específico. O serviço certo é o do profissional e isso o distingue com uma identidade própria: Antero é o que faz a parte da eletricidade.

O depoimento de Erisimar, também eletricitista, evidenciou a dificuldade de realização pessoal na profissão de servente. Ele descreveu seu trabalho como uma sucessão de pesadas tarefas que lhe eram impostas:

"Aí é que foi o pior! Comecei trabalhar. Carreguei barro, saco, areia; quebrar parede, canteiro, marreta, enxada, picareta, pá. Jogar areia numa altura de um muro de quase cinco metros, cinco metros. Jogar areia pro lado de fora. É... aí, aquilo ali me deixou horrorizado. Eu chorei muitas vezes por desgosto. Vontade mesmo de voltar prá casa, mas já tinha vindo, né? Aí eu agüentei..."

O horror de que ele falou é o da tarefa destituída da qualidade humana de produzir de modo criativo. O desgosto é o de tornar o trabalho uma obrigação desagradável, com a qual ele não se identifica. Erisimar, Antonio Marcos, José Lopes, entre outros

operários, falaram desse choro, presente durante todo o tempo que foram serventes. O trabalho de servente é um conjunto de ordens que tem que ser cumpridas, porque assim impõe a necessidade.

Para José Alberto e de Antonio Marcos, deixar de ser servente é se afastar um pouco da possibilidade de acidentes. Aliás, se os acidentes não são mortais ou não demandam cuidados médicos de emergência, não são mencionados e deixam de figurar nas estatísticas. Despreparado, o servente é bem mais vulnerável a desastres, de todos os tamanhos, que um operário experiente.

- "O serviço era muito puxado prá mim, eu me acabava mesmo, teve dia até que eu chorava na obra. (...) Eu tinha muito cuidado, porque não era um serviço certo, então eu tinha muito cuidado, prá não me acidentar, né? Tudo bem, eles (materiais da construção) me cortaram um pouco, pelaram muito as mãos, mas normalmente, né? Não era acidente grave, por causa que eu tinha muito cuidado, mas realmente é muito duro, sabe?" (ANTONIO MARCOS)

- "Então você é ajudante de pedreiro? É qual o seu serviço? O que você faz?"

- Ah, isso aí é o que vim, né. Igual assim, pode chegar o abastecimento de areia, nós bota prá dentro. Manda cavar um buraco qualquer, nós cava. A vida do ajudante é essa.

- E você gosta do que você faz?"

- Gosto sim. Agora vim mais prá cá prá conseguir um negócio mais melhor, né? Uma profissão, prá não ficar tanto assim se machucando à toa.

- Por que, vocês se machucam muito?"

- Não, se machuca sim. Porque trabalhando de servente é um serviço mais pesado. E a gente tendo uma profissão na carteira já não; é um serviço mais leve." (JOSÉ ALBERTO)

A impossibilidade do homem se realizar quando dominado pela necessidade foi pensada por Karl Marx (1963), que afirma que "o homem produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade" (p.165) Para ele, "o reino da liberdade só começa, de fato, onde cessa o trabalho que é determinado pela necessidade e por objetivos externos" (p.12) A intervenção no mundo verdadeiramente criativa - e gratificante - não pode ser produzida pela necessidade. No caso aqui estudado, deixar o trabalho de servente para ter uma profissão liberta até certo ponto a possibilidade de invenção, de criação. Até certo ponto. Não estou esquecendo a alienação inerente ao trabalho no capitalismo.

Hannah Arendt (1991) propõe uma distinção entre labor e trabalho, falando do desprezo geral pelo labor, que é historicamente "resultante da acirrada luta do homem contra a necessidade". (p.90) Labor seria a atividade repetitiva, que acontece:

"sem nada deixar atrás de si; o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido. E, no entanto, esse esforço, a despeito de sua futilidade, decorre de enorme premência; motiva-o um impulso mais poderoso que qualquer outro, pois a própria vida depende dele." (p.98)

A autora contrapõe o "*homo faber*", senhor de si e dos seus atos ao "*animal laborans, sujeito aos processos devoradores da vida e constantemente ocupado com eles.*" (p.157) Tais processos que expulsaram a inteligência do trabalho e o transformaram em labor, explicam o choro dos serventes.

A possibilidade de passar a profissional depende da avaliação dos mais experientes sobre o desempenho do candidato à ascensão. O nordestino que acabou de chegar é vigiado de perto, para verificar sua inteligência e habilidade manual. Há também uma avaliação moral, que observa honestidade, assiduidade e pontualidade. Se o recém-chegado se mostrar confiável, não falhando nem na execução das tarefas nem na cortesia com seus superiores, poderá ser instruído.

No período de vigilância, o servente é objeto da zombaria dos colegas. Antonio Vicente mencionou dois "*nomes que se leva na obra*": puxa-saco e cachimbo. Provavelmente o apelido de cachimbo se deve ao fato desse objeto ficar pendurado na boca de alguém, assim como o servente fica atento ao profissional, ou seja, próximo à boca do seu superior. Existem outros nomes mais ofensivos, aos quais nenhuma de nós teve acesso, porque os operários tratavam de não falar palavrões na nossa presença. Não sei se o respeito se deveu ao fato de sermos mulheres ou por estarmos identificadas com os "superiores", pessoas que estudam, de outro extrato social. Que falem os operários:

- "É, aí vai com aquela ajuda, com aquela amizade. Começa logo... no primeiro mês que ele trabalha, ele vai entrar lá e vai ralar muito, quer dizer: o mestre fica sempre em cima dele. Aquele que entra lá é o mais que mau olhado. Depois (que) ele passa os seus noventa dias; um mês, dois ou três, aí fica mais devagar, faz amizade, então ele vai mudar de cargo, mas depende da pessoa mesmo, né? Vai procurar amizade, a pessoa não falta, é pontual no trabalho. Então, eles tira a pessoa daquele sofrimento, bota a pessoa num meio melhor... a pessoa vai levantando (...) Eu passei de servente pra eletricista porque lá onde eu trabalhava, eu arrumei muita amizade... num é chegar assim e ficar... fazendo cafezinho pra chefe não; é amizade mesmo. E você chega e trabalha, sabe... organiza a turma, sabe ter compreensão no trabalho, é assim... você ser amigo dos trabalhador. Porque trabalhador tem que ser amigo do outro, porque ninguém é de ninguém." (LINDOVAL)

- "Olha, a gente prá passar a profissional, é o seguinte: é um bom interesse que a gente tem, né? Através de colega, amizade que a gente tem, conterrâneo que ajuda a outro, né? Aí a gente sempre pula, vamos supor, de um cavalo para o outro. A gente tá como servente, aí a gente se esforçando, pula prá profissional. Então, é o esforço que faz a gente passar a profissional..." (JOSÉ ANTERO)

Ajuda foi a palavra mais utilizada para descrever o auxílio que um conterrâneo presta a outro no que se refere à trabalho. Fernando esclareceu de que forma ela se concretiza:

- "Olha, ajuda é assim: conhecimento (...) eu trabalhei na firma dela. (Aponta Mariela) Ela conhece a senhora; a firma dela acaba a obra e ela fala assim: "tô empregando uma pessoa muito boa e vai passar para sua firma". (...) Eu num vou, a senhora é que me leva. (...) Mas um dia que a sua firma acabar o serviço, a senhora já me passa prá outra pessoa: isso aí é uma ajuda que tá dando!"

Antonio Vicente contou seu difícil começo na obra. O que mais o moveu para buscar o aperfeiçoamento foi a possibilidade de ser um transmissor dos conhecimentos adquiridos e libertar os colegas da penosa condição de servente. Com pouca instrução e nenhuma atuação política, Antonio compreendeu a solidariedade e quis compartilhar suas conquistas:

"Eu não sabia de nada da obra, eu carregava diversos e diversos sacos de cimento por dia, eu tirava uma carreta, o encarregado botava dois homens para descarregar quatrocentos sacos de cimento, entendeu? Nem hora de almoço, a gente não tirava. Então, eu falei assim: "Um dia, já que estou trabalhando aqui dentro da obra, vou ter que aprender uma profissão. Para ensinar aos meus homens que estão do meu lado aqui a não carregar mais um saco de cimento nas costas. E isso que aconteceu! (...) Porque eu fico fulo até hoje quando vejo um caminhão de material chegar: sempre vem um encarregado junto com eles: "Oh, seu Fulano, bota aqueles sacos de cimento tudo ali! É rapidinho, que eu ainda tenho outra entrega!"

Ele se aproximou do pedreiro, conseguindo ser designado somente para ajudá-lo. Resolveu continuar a aprender até passar de servente para meio oficial, ou seja, passou a ser operário especializado em apenas quatro meses, quando dois anos é o tempo gasto em média para esta aprendizagem (Coutinho, 1980):

"Aí, um dia eu peguei um prego, um martelo e fui subir lá para a laje. Aí eu cheguei perto do carpinteiro e perguntei: "O senhor deixa eu pregar essa tábuá pro senhor?" Ele falou: "Olha, toda hora que você quiser pregar, pode pregar (...). E aí eu fui acompanhando ele, trabalhei com ele, direto. Aí ele chegou perto

de mim e falou: "Antonio, você tá interessado mesmo, na obra." "Agora eu tô me interessando mesmo." Com quatro meses (...) ele me botou de meio-oficial, de meio-carpinteiro, (...) como profissional, entendeu? Carpinteiro direto. Ai depois, cheguei perto do encarregado e falei assim: "Escuta aqui: Que é que a gente faz prá ser encarregado?" "É mais o interesse. Não é só da carpintaria que você vêve, se você souber consertar um tijolo, você não morre de fome. Você tem que aprender a assentar um tijolo, a botar a mão num choque, levar choque numa luz para fazer uma eletricidade prá clarear, prá você trabalhar à noite." Ai eu falei assim: "Não, então vamo devagarinho". (...) Tirei uma carteira branca, sem assinatura de nada, (só) de carpinteiro.

Então, um dia eu fui trabalhar com bombeiro, (...) Eu não sei como é que se bota um cano no chão, como é se compra uma curva, o bombeiro falava que comprava uma terça, um "T", um "L", e eu falava: que negócio é esse? Eu não sabia não, não sabia letra, eu não sei, mas graças a Deus, sei fazer muita conta, sou matemático, entendeu? Na obra, se você não souber da matemática, você também não sabe de nada e eu aprendi muito a matemática na obra, foi por causa disso..."

Quando se aprende uma profissão, partindo do desconhecimento para o domínio do processo de trabalho, extrai-se alguma satisfação. O homem faz face à seu produto e se reconhece nele. Seu potencial criativo aflora e ele pode adrirar em que se transformou seu suor e seu pensamento, como Jorge constata: "Eu gosto (da construção) porque é um lugar em que a pessoa trabalha e vê o produto do trabalho."

O depoimento de Francisco também fala do amor possível à construção civil:

- "Ah, minha carreira na obra... é um mistério! (Risos). Na obra eu comecei (...) fazendo forma, era armando ferro, era assentando tijolo, era fazendo massa, piso... (...) era luta diária... No começo eu gostei da obra, eu achava bom, ainda mais assim uma faixa de concreto, trabalhar com faixa de madeira, na obra a gente trabalha com tudo, né? (...) Eu já vim com essa luta de lá. É que lá na minha terra fui o primeiro a fazer casa. Fazia casa lá também, lá a vizinhança também já me chamava prá arrumar casa prá elas. E vim prá cá, minha luta é essa mesmo. A gente veio prá fazer, a gente faz! (...) Meu forte mesmo é a obra!

É interessante notar que Francisco faz a continuidade entre sua vida camponesa e sua vida operária, recompondo sua trajetória sem referir-se a essa mudança forçada como uma ruptura radical ou uma desgraça. (pp. 34-35) Embora radicalmente diferentes, suas duas vidas são semelhantes e possuem um elo de ligação: o ofício de construir casas. No Nordeste foi uma habilidade quase artesanal que somava à atividade agrícola. No Rio, foi o recurso que lhe valeu a sobrevivência:

- "Oh, outra coisa que (...) os ganho das obra são pouco porque o nordestino vem do norte prá cá. (...) a profissão mesmo, ele num aprende e quantos que vem aí e num tem profissão, num é? Vem, às vez, num dão sorte e se machucam. (...) E outra (coisa) que tem: o dinheiro pouco dá prá ele comer... porque se ele é casado, tem a esposa dele e tem filho lá num norte...

- E dá prá fazer isso tudo?

- Viu como é a vida do nordestino? Ele fica no alojamento, trabalhando e mandando o dinheiro prá família. Na época que eu vim prá cá, eu mandava, o meu dava.

É, a gente vai apurando... então cada uma profissão que ele vai caminhando, ele vai aprimorando melhor aquilo ali, né. Porque, a profissão é a seguinte: se fica num setor de serviço é (só) aquilo ali... (se) ele vai dominando ela; ele tem que gostar; graças a Deus, eu amo! Apesar de que a obra sacrifica muito, mas eu amo. (...) Porque se a gente não amar nossa profissão vai ficar mais difícil, né. Tem que amar o setor de trabalho.

- Ai, se eu tô batendo numa forma, eu amo aquilo ali. Se tô fazendo uma parede de tijolo, aí tenho que tá gostando também. Porque tem muitos aí, acho que a maioria, que trabalha... que num ama a profissão e muitos ocorre em classe de construção, em muitas profissão. (...) se todo mundo amasse a profissão, acho que num tava ruim assim, não. Tava acho que melhor do que tá. (...) Todas profissões me honraram um pedacinho (...) e através daquilo ali é que a pessoa sobe, eu penso assim... Outro dia, eu chamei os meninos lá de casa assim: "Menino, o que é que tu sabe fazer?"

- "Pai, eu faço esse anel, eu faço essa pulseira, eu faço cordão..." (Você sabe, naquela hora, aquela farra todinha ali).

- "E você faz isso aí com raiva, menino?"

- Ele disse: "Eu faço isso com amor."

- Eu disse: "Então você faz bem feito". Porque tudo ali é no aperfeiçoamento, né. Quer dizer: eles tem amor por aquilo. Fazendo aquilo ali, eles faz bem feito, fica bem feito.

Todas as três (profissões) que eu já trabalhei... quer dizer, eu armei ferro uma temporada boa. Dizem que armar ferro é ruim; diz que corta as mão; se machuca, se arranha... Nunca trabalhei ali com raiva, não. (...) Passei pro meu martelo; eu gostava de bater forma. Passei também à colher; eu gosto de assentar meu tijolo. É assim que eu vou levando. (...)

- E dos três qual era a melhor?

- Todas três são boa, mas armação de ferro... ela num é boa, não. A profissão de armador é muito ingrata, viu? É uma profissão que (...)

num presta. Mas apesar de que eu trabalhei (na armação), eu gostava de armar ferro. Ainda hoje eu gosto. Aqui mesmo na Saúde quando tem uma laje, quem põe os ferro sou eu.

- É bom ver a obra pronta?

- É! Admira muito! Mas tudo tem que fazer... Eu tenho trabalhado em muitas firma por aí; tenho feito muitas obra bem feita por aí. É sempre continuo fazendo!"

Francisco foi exotado da terra onde morava, sem dinheiro nem bens, sem nada conhecer do Rio, veio e conseguiu aprender uma profissão. Logrou criar seus filhos, dois deles curives. Conseguiu ter uma casa, conquistou o respeito e a amizade de seus colegas. Ele ama o cabo da colher de pedreiro, porque foi com ela, através dela, que reconstruiu sua vida.

Ingenuo na sua concepção da realidade social, acredita na capacidade individual, através do amor ao trabalho, de superar as contradições sociais. Se as pessoas têm dificuldades, é que não amam seu trabalho o suficiente. Não apenas devem trabalhar, mas devem fazê-lo com amor e visando à perfeição.

Francisco valoriza seu trabalho como um ofício nobre, uma arte a um tempo perigosa e delicada, sem economizar nas expressões que mostram seu orgulho e prazer de realizar o trabalho perfeito. A satisfação do trabalho criativo, a chance de melhorar de vida e de ter a identidade de profissional, explicam o amor nordestino à colher de pedreiro.

3.2 - "Tem que saber lutar com a obra"...

Segurança no trabalho foi o tema onde se verificou maior desconforto entre as pessoas. Sempre que se tocava no assunto, aparecia relutância em responder às perguntas e alguns se tornavam subitamente retraídos. Todos se expressaram com um tom de ansiedade na voz. Um operário, com as mãos marcadas de cicatrizes, afirmou que desconhecia a existência de acidentes na construção civil e não quis mais dar entrevista. Essas reações não podem ser explicadas apenas como desconfiança quanto ao papel das pessoas que lhes faziam perguntas.

O livro "A Loucura do Trabalho", de Christophe Dejours (1991), foi o referencial teórico mais utilizado na análise do tema. Dejours observou o comportamento em relação aos riscos de operários da construção civil. Entretanto, nada autoriza a afirmar, como o autor parece acreditar que, por exemplo, a forma de lidar com o perigo seja um traço da "Psicologia dos Trabalhadores da Construção Civil". Isso porque essa generalização psicológica não dá conta de explicar as múltiplas diferenças dos comportamentos das pessoas. O fato de aproveitar a produção de Dejours não significa concordar com tudo ou considerá-la suficiente para explicar a realidade dos trabalhadores estudados. Já é muito quando uma teoria nos ajuda a compreender algo da realidade. Critico em Dejours a tendência a generalização, a explicação psicológica que pouco considera o contexto social.

Que sentem os operários em relação aos acidentes? Sentem medo. Para Dejours, medo e angústia são conceitos distintos. A angústia é o resultado de um conflito interno onde se opõem duas forças inconciliáveis; é uma produção individual, cujas características se referem à história, ao modo de relação objetal e à estrutura de personalidade específicos. O autor destina à Psicanálise a compreensão da angústia.¹ Já o medo - conceito não propriamente psicanalítico - "responde por um aspecto concreto da realidade e exige sistemas defensivos específicos, essencialmente mal conhecidos até hoje." (p.63).

Os operários da construção civil sentem muito medo porque são sempre expostos a riscos ligados à integridade física. Além do risco individual, um acidente que começa com uma pessoa pode se desenvolver de tal forma que acaba por atingir vários colegas. Assim, quanto mais cooperação uma tarefa exige, mais chance há de que ocorra risco coletivo.

Para Dejours, a prevenção é sempre incompleta; seja porque o investimento no setor é limitado ou porque o risco é mal conhecido. Muitas vezes, o risco só será conhecido quando um acidente revelar uma possibilidade antes não cogitada. Não que a

1. O conceito de medo para Dejours, que insiste em atrelá-lo às relações do homem com a realidade, talvez corresponda ao conceito freudiano de "realangst". O conceito é traduzido corretamente como "angústia real". Entretanto, Laplanche e Pontalis (1983) propõem um termo equivalente, que evita os equívocos. Este termo é "angústia ante um perigo real" e assim definido: "angústia perante um perigo exterior que constitui para o indivíduo uma ameaça real." (p.61)

prevenção aos acidentes não dá resultado. Ocorre que ela só é inteiramente eficaz em relação aos riscos coletivos. O risco individual persiste. Na verdade, diz o autor, as precauções individuais a serem tomadas são tantas (e ainda que cumpridas com rigor, não evitariam completamente os acidentes) que sua observância total tornaria o trabalhador ineficiente, do ponto de vista da produtividade. Erisimar sabe disso:

- "Você acha que devia ter mais coisa para evitar acidentes?"

- Não, mas se... é uma coisa que se exigisse mais coisa não tinha como você trabalhar. Porque o serviço que você faz na obra é muito difícil. Coisa muito pesada. Então não dá pra ter muita coisa no corpo. Se tiver muita coisa no corpo, vai atrapalhar o seu serviço, seu andamento no serviço. Então eu acho que não é necessário tanta coisa. Eu acho."

Em relação aos depoimentos ouvidos, seria correto afirmar que as empresas oferecem segurança? Houve relatos de negligência quanto às mais elementares medidas de segurança. Mas foram exceções. As medidas concretas de segurança são satisfatórias. Os entrevistados mencionam a existência de equipamentos e alguns parecem ter ouvido palestras sobre o assunto. Jorge explicou melhor o zelo das empresas quanto aos equipamentos de proteção:

- "Que nas empresas há caso de negligência, há, mas hoje em dia a maioria das empresas trabalha com segurança, porque inclusive é o seguinte: o que se gasta com material de segurança, eu acho que também há uma redução do imposto de renda, então não é interessante a

empresa chegar e pagar uma multa pela ilegalidade, se ela muitas vezes é beneficiada. (...) Já houve caso, antigamente, em que havia resistência das firmas em querer gastar, em querer usar equipamento de segurança, mas hoje em dia, não. (...) Não há interesse do patrão de não dar porque ele ganha, de uma maneira ou de outra. Porque antigamente o seguro (do) camarada acidentado era pago totalmente pelo segurador. Hoje os primeiros quinze dias, queira ou não queira quem paga é ele, então toda vez que um elemento é acidentado, quinze (dias) do seguro quem paga é a própria empresa. Quer dizer ela tem um gasto, como se fosse uma comissão."

Persistiu no discurso dos trabalhadores ouvidos um tom de dúvida quanto à eficácia das medidas de segurança, uma reticência que não escapou à observação de nenhuma entrevistadora:

- "Eu já vi muito acidente de obra... isso aí eu vejo, fico pensando naquele acidente feio, triste, isso aí o cabra tem que vê prá nunca acontecer no trabalho da gente, como aquele acidente que passou, tem vários acidentes e muitos que morre.

- E você atribui o acidente a que? Você acha que a obra dá os equipamentos necessários de segurança e obriga as pessoas... a usar?

- Bom, isso ele obriga a gente a usar: capacete para evitar de machucar a cabeça e bota também, para evitar de estrear os pés num prego, numa madeira. Eles dão assim: bota, capacete, prá gente evitar do perigo, entendeu... E tem muito acidente, né?"

Como diz Antonio, equipamento obrigatório tem... "E tem muito acidente". Localizada essa contradição no interior do

discurso, deve-se desconfiar da construção perfeitamente protegida. Em algumas ocasiões, o medo subjacente aparece de forma dramática. É quando algo quebra a aparente tranquilidade do cotidiano: o acidente. Antonio Vicente relatou uma tragédia no canteiro de obras, envolvendo uma tarefa que exigia cooperação. A entrevista teve que ser interrompida até que ele se acalmasse e pudesse prosseguir:

- "Você teve acidente, Antonio?"

- Eu? Eu tive oito acidentes. (...)

- Você viu algum acidente dentro da obra sem ser com você, com outras pessoas?

- Muito! Olha, eu já vi tanto acidente dentro da obra, que eu vou contar um só, que aconteceu comigo. Comigo e um carpinteiro junto. (...) Nós trabalhava, não tem o Banco Bamerindus, ali na XV de Novembro? Tem uma fundação, né, uma caixa d'água grandona? Você pode olhar o letreiro grandão, escrito em cima, na caixa d'água: "Bamerindus", tá? Quem fez aquilo ali foi eu. "Cachimbo de carpinteiro". "Cachimbo de carpinteiro" é sub-encarregado. Eu trabalhava ali com toda a minha "esquadrilha".

Um carpinteiro que tava com a gente (ali tem quarenta e oito metros de altura), nós tava botando um painel de fora, e... um servente segurou na tábua, prá ele pregar. Como tava escorregando a madeirite, que é a madeirite lisa à vista, concreto à vista, aí tudo liso, né, igual a isso aqui. (Aponta o chão) Aí, o servente segurou na tábua. Como a tábua era muito pesada, o carpinteiro falou assim: "Olha, segura numa ponta, que eu seguro na outra." Foi isso que eu fiz, eu segurei num lado e ele segurou no outro. E aí mandou o servente segurar no meio. Aí... o servente, sabe o que ele fez? (Gaguejando muito, Antonio entrou em pânico) Ele fingiu que segurou! Quando ele botou a cara assim do lado de fora, a tábua desceu e ele... ficou só os pedaços no chão...

(Antonio não consegue falar mais. Tive que interromper a conversa e acalmá-lo).

Eu fiquei com uma tremedeira tão grande, que tive de descer (...) por cima dos andaimes de ferro, iguais a esses andaime que faz prá... escola de samba, não sabe? (...) Então, em volta daquela caixa d'água, foi feito tudo andaime de ferro assim, não sabe? Prá descer? Eu tive que descer assim, olhe, com a corda amarrada, na não assim, (Antonio está tremendo muito). Sistema nervoso!

O cara desceu, todo esborrachado, pedaço, ficou no meio da ferragem (...) até lá embaixo. O servente (...) não sabia o que ia fazer. Porque o erro não foi meu, foi dele, que no meio... tinha esses dois profissional e no meio desses dois tinha o servente. Então, por isso que eu digo: "O servente não tem responsabilidade de nada".

- Quem, então, pega o emprego de servente? É quem chega do Nordeste?

- É o primeiro que chega de lá, é o tal que não sabe de nada. Não sabe não, só sabe chegar aqui: (...) "O senhor quer pegar aquele saco de cimento prá mim? Se ele for da roça (...) costume da enxada mesmo, sabe pegar muito peso, ele bota nas costas e vai embora. É um serviço prá ele, (que) não sabe nada."

Fica evidente nesse depoimento sofrido o quanto Antonio se sente culpado; seja porque devesse ter orientado melhor o servente, ainda ignorante de todo perigo ou seja por achar que poderia ter evitado o desastre, sendo experiente. A culpa é mais um fardo que o trabalhador sobrevivente carrega, por não ter previsto o imprevisível.

A atuação de campanhas preventivas aos acidentes na construção civil, a fiscalização do governo, a criação das

Comissões Internas de Prevenção aos Acidentes (CIPAs), a aquisição de material de proteção endossam o bon-mocismo empresarial, que até cumpre com as exigências legais, mas não oferece nenhum treinamento formal a um trabalhador que só tinha "*o costume da enxada*". Aliás, o treinamento e aperfeiçoamento de todos os trabalhadores que a equipe entrevistou diretamente, além de outros que foram ouvidos, mas não formalmente entrevistados (cerca de cinquenta operários), foi uma iniciativa pessoal, sem qualquer apoio das empresas.

O perigo é cotidiano e as ameaças estão em toda parte. A convivência com a morte é comum e compartilhada entre todos. O depoimento de Adalberto é a experiência de ser espectador de dois acidentes fatais. Fatal aqui não é tomado só no sentido de mortal, mas também no sentido da fatalidade, uma noção que é marcada pela inevitabilidade do destino. Vi na palavra "*azar*", empregada por ele, o mesmo Destino inelutável das tragédias gregas. Em um desses acidentes houve aviso, presságio; a pessoa foi aconselhada a sair da obra pouco antes da morte. Adalberto descreve o que se segue ao acidente, a perícia, a participação a família, o destino dado ao corpo daquele que morre na construção:

- *"Tem, tem equipamento de trabalho, bota, capacete, cinto, tem... é obrigado.*

- *E o senhor já viu algum acidente na obra?*

- *Já vi sim. Vi já demais, vi muito.*

- *E já sofreu acidente também?*

- Graças a Deus, nunca sofri acidente, não; mas já vi muito acidente, negro caindo de "já", descer, assim: o cara se amarrou no cinto, amarrou o cinto na escora, a escora tava solta, o cara caiu com escora e tudo, sabe? Mermo ali, na Gávea, na Gomes de Almeida...

- E o senhor presenciou o acidente?

- Não. Ai então, na obra que nós trabalhava ficava colada, num sabe? Ficava a Gomes de Almeida prá cá e a João Fortes pro outro (lado), eu trabalhava na João Fortes, ai nós viu quando o cara tava caindo... Então o cara caiu no pelotis da obra, depois cobriram com um plástico preto, depois chegou lá a perícia lá e ai fez exame no corpo, ai a obra lá parou e depois foram e enterraram o cara.

- O senhor conhecia ele?

- Conhecia não, mas conhecia irmão e parente dele' que trabalhava lá, sabe? E o outro acidente, a caçamba caiu em cima do cara. Tinha três irmão, ai o cara tava com um ano e pouco de firma, ai o cara deu o aviso (prévio) a ele, ele não quis, mandou o cara rasgar, sabe? Ele disse que não queria aviso não. E o outro irmão dele disse: "Rapaz, vai embora". Porque ele já estava velho na firma, sabe? Tava velho, já com um ano e pouco na firma. O irmão deu conselho para ele ir, ai ele não foi, ai ele deu azar que foi nesse dia, que eles tava fazendo assim uma faxina, assim debaixo da... (Gaguejando muito) tava um pouco meio distante e na rua tava descarregando esse carro de rede de mix... entonce ele apanhava embaixo e despejava em cima da laje, ai foi certinho na cabeça do cara, o cabo caiu em cima, o cabo de aço...

Ai passou a obra o resto do dia parada. Ai telefonou para a perícia, a perícia veio e o cara ficou morto lá. Só tinha os pedaços dele, entendeu? Ai telefonaram para a família, ai no outro dia, veio o pai que mandaram chamar."

Contra o medo onipresente, os trabalhadores elaboram defesas que devem neutralizá-lo. Se as defesas são eficazes, o

medo está praticamente ausente do discurso. O medo tem que ser negado e desafiado, se possível coletivamente. Assim, por mais que os operários gaguejassem, tremessem ou mudassem de assunto, ninguém que ainda trabalhava em obras mencionou o medo. Dejours chama a essa fachada coletiva de valentia - que serve para conjurar o medo - de *ideologia ocupacional defensiva*. Na prática, ela se traduz pela resistência às normas de segurança. Os operários mostram certo gosto pelo perigo, contam vantagem, põem-se à prova ou simplesmente se recusam a usar os equipamentos, mesmo que isso lhes custe o emprego ou a vida. No trecho a seguir, Erisimar descreve suas próprias regras de segurança:

- "Você já teve algum acidente de trabalho, com pouco tempo que você teve, com algum colega? E você viu algum?"

- Não. Comigo mesmo nunca houve nada. Sempre tive muita atenção no meu trabalho. Faço meu trabalho de acordo. Acidente depende muito da atenção da gente. Não sei, porque eu nunca sofri um acidente e já tive em lugares perigosos, escadas, andaimes, tubulações, altura. Nunca aconteceu nada comigo, graças a Deus. Nunca senti nada. Então, eu acho que a pessoa tem que tá sabendo o que tá fazendo. Sabendo onde pisa, onde pega... é. Então eu acho que capacete, bota, roupa, luva, não protege ninguém, não. O que protege é você mesmo..."

Mais adiante, Erisimar refere-se a um emprego, onde inventou uma forma de pintar o lado externo de uma grade sem instalar andaimes: amarrando-se precariamente com cordas.

- "A vez que eu trabalhei mais rápido foi... eu tava pintando umas grade lá. Pinteí ela por dentro. Subi no terceiro andar. Só que por fora não tinha como pintar. De dentro prá fora não tinha como pintar. Então, (eu) fui obrigado me amarrar lá por cima, jogar a corda por cima...

- Você acha isso errado?

- ... descer na corda. Não, não é, nada é errado. Nada no mundo é errado.

- Você acha que tava certo tá amarrado par pintar?

- Prá mim é mais uma aventura. É porque tinha que me amarrar. Não existia um meio prá fazer, a não ser se amarrando. Existia um meio, sim. Se tivesse uma torre de andaime prá montar, aí você trabalharia em cima de um andaime. Mas como não tinha o andaime, eu botei a corda. Tinha que pintar, que eu mesmo achei que eles disseram: "Pinta", aí eu botei a corda. Me amarrei e pinteí. Foi o que aconteceu. Um monte de gente lá falou: "é louco". Mas eu não acho que sou louco. Tem que fazer o meu serviço, vou fazer. Do meu jeito. É assim, eu improviso, cada coisa que eu vejo, eu faço. Eu faço. Tive a facilidade de fazer. Eu gosto de fazer. E se não tiver, eu faço de qualquer jeito. Se eu disser que vou fazer um serviço, é porque eu tenho condições de fazer. E se não tiver um jeito, eu invento meu jeito e faço. Porque eu acho que... não existe essa de acidente de serviço. Acidente, existe prá você que não tem cuidado. Como eu já falei uma vez, não tem cuidado, não ver o que tá fazendo. Prá você, fazer as coisas, você primeiro tem que saber o que está fazendo. Saber prá onde tá indo, como aquele serviço vai ser feito. Não simplesmente chegar lá é botar a mão, destruir, jogar prá cima aquilo. É isso!

Dejours aconselha a não acreditar piamente no discurso e no comportamento destencidos observados. Ninguém melhor que o operário para saber dos graves riscos que corre e das

conseqüências dos próprios atos. A ignorância em relação à educação formal não o faz ignorante em relação ao próprio trabalho. É preciso ocultar cuidadosamente o medo, porque se ele "pudesse aparecer a qualquer momento durante o trabalho, os trabalhadores não poderiam continuar suas tarefas por muito tempo mais" (p.70) Segurança é um assunto proibido, porque esses homens não querem lembrar de algo que é tão difícil de esquecer.

Jorge falou de outros motivos para ignorar e desobedecer às normas de prevenção de acidentes:

- "A segurança na obra, ela existe, (mas) o que existe muitas vezes é que você lida com pessoas que viveram o tempo todo sem sapato, de qualquer maneira na vida, então quando se chega no ponto de começar a doutrinar ele e a dar isso, dar aquilo, o próprio elemento reage. Mas a dificuldade de segurança é muito mais do operário do que da própria empresa. O que existe é o seguinte: uma adaptação muitas vezes muito grande do operário, do capacete, da bota, se o camarada vai para um lugar alto, dão cinto; mas ele diz que não é macaco para usar cinto de segurança, aí você briga com o camarada. Quando pensa que não, tá sem segurança! Muitas vezes não é culpa da empresa, é a resistência do operário, o tipo de cultura do próprio operário, é difícil conscientizar ele daquilo. Ele diz que lá na terra sudia em árvores mais altas do que isso, fazia mil peripécias, não acontecia nada... então muitas vezes o caso é esse."

As normas de segurança são inculcadas como uma doutrina superior à qual é necessário converter-se porque é a melhor ou a verdadeira forma de executar as tarefas. Assim, as formas de

conhecimento e ação da vida rural são consideradas ignorância e a atitude dos operários, estúpida ou teimosa. Existe uma reação do "elemento", uma resistência, sim, que teima em guardar os saberes de outra origem. Existe a ideologia defensiva, mas também os argumentos lógicos de outra forma de vida. Se o saber do nordestino passasse a ser a referência, não se justificaria o uso do cinto, porque é possível subir em árvores mais altas que os prédios sem esse acessório incômodo. Não se entenderia a necessidade do uso de botas, quando na terra natal era possível andar descalço sem problemas. Por que o capacete, se debaixo do calor escaldante do Rio de Janeiro, o plástico aquece a cabeça de maneira insuportável? A lógica capitalista é etnocêntrica e arrogante e não considera admissíveis as diferentes formas de interpretação da realidade. A "adaptação" à cidade é violenta, ainda mais quando se é imposta uma rendição, uma supressão de valores e saberes que têm ressonância afetiva para aqueles que foram camponeses em sua terra.

É lógico que não estou defendendo a tese reacionária de que as regras de segurança não devam ser ensinadas aos trabalhadores. Tais conhecimentos são necessários para a integridade desses homens. Tampouco esse estudo tem como objetivo propor uma forma de ensinar regras de segurança. Observo apenas que tanto mais difícil será aprender esses novos conhecimentos quanto mais as referências culturais nordestinas forem desprezadas.

3.3 - "Dinheiro de obra é amaldiçoado"...

A face maldita do trabalho aparece na baixa remuneração recebida. Como há sempre um contingente excessivo de mão-de-obra - mantido graças à migração - a paga pelo trabalho é exígua e de modo algum compensa os riscos assumidos. Os salários são aviltados sem que se possa exigir mais, porque se o profissional só quiser trabalhar por determinada quantia, logo a necessidade obrigará outros a trabalhar até pela metade. Apegados à identidade de profissional que tanto lhes custou conseguir, os operários são obrigados a abrir mão dela nas ocasiões de escassez de emprego. O depoimento a seguir mostra que essa possibilidade é encarada como uma humilhação insuportável:

- "Ai, quando foi em oitenta e um sai da firma, fiquei desempregado seis meses, porque não tinha, tava em falta de serviço mesmo. Vaga pra servente tinha em tudo quanto é canto, mas vaga pra carteira, não tinha. Então, pra gente conservar nossa profissão, o que é que eu tinha que fazer? Rebaixar minha profissão! Pegar uma carteira branca e uma vaga de servente (...) pra ganhar menos. Pra não passar fome! Mas eu não fui não! Eu deixei minha carteira ali e falei assim: "De servente eu não assino nunca mais! Se eu sou um profissional, eu tenho que dar valor à minha profissão. Então eu acho que, (como) no meu caso, todo mundo tinha que dar valor à sua profissão. Que à construção ninguém dá valor, não!"

Para Antonio Vicente foi preferível passar dificuldades por seis meses, que permitir-se trabalhar de servente. Observe-se que com a "carteira branca", não haveria registro na "verdadeira" carteira desse "rebaixamento". Somente se a profissão for

considerada constituinte da identidade do migrante é que se pode compreender a recusa de abandoná-la. Para explicar o que é ter profissão e perdê-la, Fernando me pergunta: eu trabalharia de servente num hospital?

- "A senhora pode ser doutora, vai num hospital: "tem vaga aí prá mim trabalhar? "Não, tem só de servente". A senhora tá se rebaixando. Uma comparação: se a senhora fosse uma servente, a senhora pegava? Como a senhora é uma doutora, já num pega. É isso!

- Quer dizer: dependendo da temporada, um carpinteiro vai ter que aceitar trabalhar de servente?

- Vai! É se rebaixar... É que eu só vigilante, eu num posso trabalha de servente? Posso? Num posso trabalhar. É se rebaixar; prá mim é, né."

Quando conheci Lindoval, ele estava desempregado, fazendo os chamados "biscates", para sustentar esposa e filho. Eletricista bastante criativo, afirmou que: "Eu sou é um tipo de profissional que fora do Brasil eu ia ganhar dinheiro. Eu ia enricar, que nem japonês quando chega aqui no Brasil..." Nas condições de recessão, ele não podia escolher, mas aceitar qualquer emprego. Com a ironia ácida que caracterizou seu discurso, disse que para conseguir trabalhar na profissão, a solução seria Deus assinar sua carteira.

- "Se o senhor pudesse escolher emprego, o senhor trabalhava em construção civil? Costa?"

- Eu num gosto não, mas é a necessidade que obriga... Porque eu sou um tipo de pessoa que eu num escolho emprego, tem gente que escolhe, né? Tem gente que é soldador, então ele só que trabalha de soldador. Se num tiver soldador, ele morre de fome. Eu num sô... isso... eu num quero isso, não. Eu tenho de ver o futuro de meu filho, né? Eu não; eu sô serralheiro; de carteira assinada. Serralheiro. Eu sô eletricitista, sou soldador, classificado mesmo, eu sô. Mas você vê no jornal, eles diz aqui, soldador... é dois anos, cinco anos de experiência. Quer dizer; eu num vou esperar, que venha uma carta de Deus lá do céu, para eu vá trabalhar numa firma! (...) Então, a construção civil é um emprego sofrido. Porque o pião ganha o dinheiro suado e tirado do sangue mesmo. É um serviço que você tira o sangue das mão, sai calo, sai tudo, mas você ganha um dinheiro... que num dá nem pra você próprio se manter, entendeu? É uma coisa que eu sou!"

Lindoval tinge de fortes cores o dinheiro pelo qual troca a mercadoria que tem a oferecer: seu trabalho. É um dinheiro cor de sangue e feito de suor; tão pouco, que não compra o sustento nem recompensa intimamente o operário.

Há outras formas de ataque à identidade construída pela profissão. A qualidade do trabalho quase nunca é exigida. Apesar disso, a responsabilidade é sempre cobrada: "o encarregado não dá valor no serviço que a gente tá fazendo (...) quer ver só o serviço, mas o valor mesmo do trabalhador da construção civil, ele não vê, não!" For mais que alguns operários se esforcem para dominar as diversas tarefas e executá-las com perfeição, o reconhecimento por parte dos seus superiores é o mesmo, ou seja, nenhum. Perguntei se fazia alguma diferença fazer o trabalho bem

ou mal. Francisco, para sua satisfação pessoal, se compraz em trabalhar perfeitamente, embora reconheça que esta não é uma exigência presente em todos os locais que já atuou. Antonio Vicente não agüentou a desvalorização de sua capacidade e abandonou as obras.

- "É, não importa (se é bem feito). Pro patrão, não. Ele quer saber se tá pronto. Mas não deu valor à profissão que você sofreu prá aprender. Eu acho, já da minha parte, uma "pouca desonestidade" da construção civil, sabe?" (ANTONIO VICENTE)

- "Tem canto que (o trabalho bem feito) é valorizado; aquilo é de acordo com as empresas, com as firmas, porque tem firma que é caprichosa, tá entendendo? Tem firma que quer tijolo limpo. Aquela ali é uma firma caprichosa. Já tem gente que num liga (se é) operário sério e ligeiro; num se incomoda com tijolo sujo, num quer capricho... Então é isso que eu tô dizendo: só faz bem feito se fizer com amor..." (FRANCISCO)

Antonio Vicente fala do seu amor/ódio pela construção civil:

"Que Deus me perdoe três vez, dinheiro de obra é amaldiçoado... Eu nunca vi um encarregado, nem um servente, nem um carpinteiro vestir uma camisa que não for... roupa de obra. Eu digo e comprovo, entendeu? Nunca faz um barraco, só mora de aluguel. Que eu digo que a obra é amaldiçoada, é. A obra é amaldiçoada, porque eles num mora no que eles faz, tá entendido? Existe uma história antigamente, que, meu avô falava: "Quem faz a obra nunca veste uma camisa". (...) Se você "dizer": "Eu acho, que ela pode subir e valorizar amanhã ou depois, eu posso até

trabalhar ainda, de repente, eu não sei do dia de amanhã (...). Em oitenta e um, eu fiz uma jura, foi: "Nunca mais eu boto os pés dentro de uma obra, que sei que à obra ninguém dá valor!" Então, eu só entro quando disser assim: "Olha, a construção civil agora dá valor!"

A maldição é nunca ser reconhecido, nunca ser valorizado. A obra é comparável ao trabalho alugado e como ela é amaldiçoada, porque os operários não moram no que fazem, constroem para outros, mas não conseguem assegurar um teto para si. Quem está na obra não veste uma camisa, não veste seus filhos e - é impossível ignorar a semelhança das palavras - como no Nordeste, continua no "aluguel". Antonio, ao jurar que nunca mais colocaria os pés numa construção, resgata a própria dignidade, enquanto espera voltar a trabalhar, sendo respeitado.

"SABER VIVER": TATICAS DE SOBREVIVENCIA NA CIDADE

Quando emprego a palavra tática, peço emprestado um termo bélico. Outro desses termos é bastante empregado: estratégia, que em linguagem militar se define como a "arte de traçar os planos de uma guerra" (Aurélio:p.726). Essa definição não ilustra os casos estudados porque quando os nordestinos vêm para o Rio, não dispõem de nenhum plano configurado para enfrentar as dificuldades, nem podem deter-se para fazê-lo. Por mais que tenham ouvido as narrativas dos que migraram, a cidade lhes parece hostil e desconhecida. Não é possível elaborar uma estratégia porque os migrantes não conhecem o terreno e nem as regras envolvidas na guerra.

A definição de tática é "arte de dispor as tropas no terreno em que elas devem combater; meios empregados para sair-se de qualquer coisa; processo de realização" (Aurélio:p.1653) Chamei de táticas as formas de ação e organização do migrante, visando à sobrevivência. De que forma se situar no terreno, que é o Rio de Janeiro e combater pela sobrevivência? Como construir uma identidade e fazer reconhecer sua dignidade? Como sobreviver, também psiquicamente, convivendo com as discriminações e preconceitos reservados aos que são pobres e migrantes?

4.1 - O Rio de Janeiro: terreno de combate

As táticas implicam em relações com grupos sociais, quer sejam grupos de nordestinos já estabelecidos na cidade, quer sejam cidadãos, vistos com temor e desconfiança. Alguns entrevistados utilizaram uma expressão para os processos de realização de seus objetivos: "*saber viver*". Ela me pareceu sintetizar o que seriam as táticas de sobrevivência. São comportamentos - criados no confronto com o hostil meio urbano - considerados adequados e necessários, sendo a transgressão punida com o fracasso, abandono, miséria ou morte.

A guerra pela sobrevivência começa na chegada ao terreno, o desembarque na rodoviária. Muitas vezes o migrante desconhece completamente a cidade:

- "*quando eu cheguei de lá, eu via as pessoas dormindo na rua. A única coisa ruim era dormir, eu cheguei ao Rio, dormi na Rodoviária, dormi em beira de praia, depois fui para uma obra.*

- *Você não conhecia ninguém? Chegou assim...*

- *Eu não conhecia ninguém aqui no Rio. É o destino, quando cheguei aqui, mal eu tinha a certeza que era aqui, porque o final do ônibus chegava até aí. Eu estava perdido.*

- *O que você sentiu quando viu o Rio?*

- *Eu senti que era bom, mas mesmo com medo, sozinho, eu tinha que ter um meio de vida para sobreviver, eu passei muitos dias numa boa, tranquilo... Mas depois que comecei a trabalhar comecei a chorar, quis morar de novo com meus pais na Paraíba, voltei, depois não me acostumava lá." (MARIELA entrevista FRANCINALDO)*

Parece que a primeira tática do nordestino ao chegar aqui é procurar seus pares. Fernando contou o que espera a pessoa que vem sem alguém que possa abrigá-la: *"Tem só assim: o viaduto. Mas já tem muita gente desabrigada, chega cansado, não tem pra onde ir, aí procura o viaduto. (...) Debaixo da ponte!"* Antonio o confirma, por experiência própria: *"Quando tem parente é bom, mas quando não tem é bravo, e não ser que vai na obra ou que tenha coragem igual a mim, vai dormir na beira da praia. (Ou) na rodoviária."*

Outro lugar para aquele que não tem parentes na cidade é, provisoriamente, o alojamento da construção. Entretanto, ao passar a profissional, o operário procura se mudar. Qualquer lugar é preferível ao alojamento, onde as condições de higiene, segurança e privacidade são precárias. (Coutinho) Segundo Francinaldo, lá pode haver *"mosquito, ratinho, percevejo, brigas"*. Fazer da obra o local de moradia deve ser evitado.

As vezes, o migrante tem a sorte de fazer amizade com outros nordestinos e ser convidado a morar "de favor" com o amigo, sem pagar aluguel. José Lopes estava "de favor" num minúsculo apartamento destinado ao porteiro e família, a quem conhecera numa obra. Antonio conheceu Francinaldo casualmente na rua e, por sabê-lo desempregado, ofereceu sua casa. Não pareceu-lhe descabido abrir as portas a um desconhecido: a própria generosidade da oferta é a garantia de que o hóspede

retribuirá com respeito. "Onde come um, comem dois" deixa de ser um provérbio para se materializar em demonstrações de solidariedade difíceis até de imaginar, quando se considera o espaço e o conforto disponíveis para essas pessoas.

A ajuda é absolutamente necessária. Ela acontece entre parentes, mas também entre "conterrâneos", ou seja, entre os que vieram do mesmo estado ou simplesmente têm o Nordeste em comum. Ajuda é palavra que também designa a recomendação de um trabalhador para outro, implicando numa relação de confiança e conhecimento, já que o nordestino responde pela honestidade e competência do amigo. Fernando diz que é preciso ajudar aos que chegaram recentemente, para que não voltem decepcionados e não lhes aconteçam coisas ruins. A solidariedade com quem chega paga a solidariedade um dia recebida:

- "E quando vem gente de lá, procurando fazer a vida aqui, vocês ajudam também?"

- Ajuda sim. (...) Ajuda, orienta pelas coisa... A gente chega um ponto que tem de ajudar, porque senão eles vêm e volta, né?

- Aqui (...) tem um lugar, alguém do governo ou alguma sociedade; alguma forma dessas pessoas serem ajudadas ou vocês tem que contar mesmo com os amigos?

- Aqui? Olha, aqui no Rio é o seguinte, né: se um nordestino vem prá cá (...) ele tem que procurar amigo aqui. Os amigos, um parente, prá depois pensar em arrumar um emprego, um serviço. Porque se for esperar por governo... Um caos.

O mesmo entrevistado mostra que só a solidariedade não é suficiente para oferecer condições mínimas a todos que vêm para o Sul. A crença no indivíduo capaz de ascender socialmente é desmontada na constatação de que a ajuda "acontece com cinco, seis; com cem, não".

4.2 - A Guerra da sobrevivência

é uma guerra cotidiana. Corre sangue, mas silenciosamente. São baixas dessa guerra os migrantes que voltam, porque não conseguiram realizar suas expectativas ou os que sumiram na cidade, levando uma existência marginalizada. O alcoolismo, a loucura e o crime são alguns rumos possíveis para os fracassados. Alguns mendigam, outros perdem qualquer contato com a família. Uns morrem no canteiro de obras. E há os mortos porque não souberam viver no Rio de Janeiro. Cumpre se defender com táticas adequadas e evitar a morte, real ou simbolicamente:

- "Se você tivesse oportunidade de falar para a pessoa que tem pretensão de vir pro Rio, se tivesse a chance de dar um conselho? Você falaria alguma coisa?

- Ah, eu falaria para ele: "Aqui é um lugar bom prá você viver, agora, tem que se saber viver, porque senão você morre aqui novo, novo".

- Você já conheceu alguém do Nordeste que tenha sido eliminado? (risos da entrevistadora)

- A minha prima.

- A tua prima?!?

- A minha prima morava aqui. Ela tava com dezoito anos. Chegou aqui, ela morreu nova, nova. Com dois meses que tava aqui no Rio, morreu.

- Mas... o que aconteceu?

- Um ônibus matou ela.

- O que?

- Um carro.

- Mas como assim? Ela não...

- É, ela era uma menina nova, sem ter experiência. Sem experiência de nada, aí foi pro serviço. Chegou lá na Central, ela saltou do ônibus, aí foi atravessar a rua, aí o carro passou por cima dela e matou ela, novinha, novinha." (MARIELA entrevista JOVINALDO)

"Saber viver" aparece, no caso da jovem morta, como o comportamento cauteloso e prudente, necessário até nos atos simples do cotidiano, como atravessar a rua. Aos incautos transgressores das regras do "saber viver", a morte é uma possibilidade iminente. Outra narrativa semelhante demonstra que o desconhecimento das diferenças entre Norte e Sul e a falta de um comportamento adequado pode atrair a morte:

- (...) "Mas quantos tem vindo da Paraíba e morreu aqui no Rio? Morrem, porque o trânsito de lá... aqui não sabe atravessar com um carro, tem sinal.

- Lá não tem sinal? Tem carros?

- Lá sinal mesmo não tem, tem na capital. Tem, mas muito pequeno, o trânsito... Em Niterói vi um conterrâneo meu (...) falei para ele tomar cuidado com o carro: "Eu não posso ir com você, que eu tenho que trabalhar". Aí saí. Ele estava no Rio, o trânsito é apertado e violento, não é aquele que você bota o pé e o carro pára, não, Rio é outra coisa. Ele foi atravessar aquela Amaral Peixoto, vinha no banco, eu emprestei dinheiro para ele mandar pros filhos dele (...) Ele não esperou o sinal fechar, ele achava que as pessoas paradas estavam esperando alguma coisa...

A firma onde ele trabalhava pagou o enterro dele e mais nada... tinha um mês de casa, na experiência, não tinha carteira assinada..." (MARIELA entrevista ANTONIO)

Agora tomo de empréstimo o que Jurandir Freire Costa (1986) escreveu sobre violência. Sua existência pressupõe não apenas coerção, mas também desrespeito à lei vigente ou pelo menos a um contrato:

"Violência é, antes de tudo, abuso de força, abuso de poder. (...) violência e necessidade são mutuamente excludentes, do ângulo do sujeito violentado. O sujeito violentado é o (...) que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico. (...) A violência é portanto um fato da cultura e só existe em relação a lei." (pp. 95-96)

Sem pretender ser original, pergunto: mas que lei? Como diz Junia de Vilhena (1992: p.15):

"a Lei maior para ser incorporada tem que estar submetida primeiro ao amor e à justiça. (...) Onde a lei do pai é imposta pela força bruta, os filhos não são sujeitos, são submetidos. Não existe compromisso ou pacto, existe submissão ao mais forte - lei da selva, lei do cão."

Quando o corpo político está corrompido, deixa de ser referência de lei. Não se pode esperar que ele assegure o bem comum ou a aplicação da justiça. Surgem, então, "leis paralelas", impostas pela pura força e visando apenas interesses privados. A "lei" dos "intocáveis" dos morros e favelas, a quem os entrevistados não ousaram sequer se referir diretamente, dividiram o Rio de Janeiro em "áreas". Compreendo este nome como

a delimitação geográfica correspondente ao alcance do poder de determinado marginal. Assim, diz-se que "Fulano é o dono do Morro Tal", ou seja, ele é o senhor da liberdade de cada morador do local. O "dono" exige dos habitantes de suas "áreas" uma submissão absoluta, alimentada pelo medo e certeza da impunidade dos seus algozes. Os moradores são marginalizados, confundidos com os verdadeiros marginais e vivem sobressaltados. Desconfiam deles os bandidos, porque pensam que podem denunciá-los; desconfiam deles a polícia, porque não estão certos de sua honestidade. Favelados, os migrantes tem a violência como preocupação central, porque são e se sabem indefesos.

Existe uma idéia que permite que os trabalhadores migrantes sobrevivam, e quero dizer psiquicamente também, à ameaça perpétua: a idéia de que a violência do Rio só pode atingir quem não sabe se comportar, quem leva uma vida irregular e, dessa forma, procura coisas más para si. Os nordestinos se espalham no terreno minado tentando se proteger com a identidade de trabalhador. Fernando e Lindoval discutem o tema:

*Maria Helena - "Qual é ponto negativo do Rio?
Quais são as coisas ruins no Rio?"*

Fernando - Olha, para mim, num tem nenhuma, não. Eu acho que no Rio de Janeiro, a gente chega num momento que prá nós tudo é bom; num tem nada ruim. O negócio, o assunto é a gente saber viver. Se a senhora chega aqui (no bairro de Itaúna), faz uma confusão, vai sair apanhando. A senhora trata muito bem o senhor, a senhora sai ganhando.

Mariela - Agora vou lhe fazer uma pergunta: Você tem dez anos aqui. Você já foi assaltado?

F. - Já fui só uma vez.

M. - Você acha que foi bom?

F. - Olha, para mim num foi muito ruim, não; porque a pessoa que me assaltou, eu acho que ele tava pior do que eu. Ele pode vender (...) esse rádio, ter dado um leite pro filho dele... eu num sinto falta do rádio.

Lindoval - Aqui no Rio, o que eu acho mais ruim aqui é a malandragem, entendeu? É um estado, que é bonito, bom, grande. Mas o que eu acho (de) defeito no Rio é a malandragem, esses moleque aí, de brinquin na zorêia, com gíria... num respeita ninguém no ônibus, num tem consideração a nada... insegurança... que eu num ando isso aqui à noite, eu tenho medo de andar à noite aqui. Eu sou muito desconfiado, eu tenho medo... O que tem mais aqui no Rio é agressão, crimes ridículos, as pessoas matam, acabam com outros, assim... é o Rio de Janeiro! Então, se você chega do Nordeste prá'qui (...) você tem que saber viver... porque se você não souber viver, você morre logo; porque aqui é pior que no Nordeste!

MH. - E como é que se aprende a viver?

L. - Aprende a viver, você dentro da sua casa, seu trabalho: "Bom dia, boa tarde". "Oi, tudo bom?" "Tudo bom"... é isso!

F.- Lindoval, eu vou falar (...) se eu for bater num filho da senhora, na sua casa, eu vou morrer. A senhora vai me matar, né? Num revolta? Se eu sair daqui prá Copacabana, prá bater na cara dum PM, eu volto prá cá? Eu volto mais? É claro que tem crime! Eu pego o jornal "O Povo", eu vejo os cara, cinco, seis morto. Agora, a senhora vê a cara dele e agora vai conferir, prá ver se ele era "são"! É por isso que tem gente que fala assim: "Não, porque tem crime"... mas a idéia do crime é a pessoa que faz; (...) Eu vejo no Jornal Nacional, mais de vinte policia pegando um cara, batendo nele... Você pergunta o que foi que ele fez? Roubou, assaltou e estrupou! (...) A senhora também matava... pela coragem, né, Lindoval?

L. - Eu num tenho nenhum pensamento de matar ninguém... Graças a Deus, num tenho...

F. - Não, mas chega um ponto... se a senhora tiver uma filha... um fala para ela assim: vou pegar, vou estruprar. Se a senhora está com um revólver, ia deixar? (...)

M. - É... e os ônibus que são assaltados? Com a pessoa dentro?

M.H. - As vezes a pessoa também não fez nada pra merecer...

M. - Não fez nada e foi assaltada.

F. - É, mas isso aí já diminuiu um pouquinho. Agora, se uma pessoa (...) estrupa vai na outra casa, rouba, vai em outro, assalta, pega um carro (...) Eu acho que chega um momento que esse cara tá apanhando, né, Lindoval... tá sabendo? A polícia tá matando ele... não porque o Rio num presta, não, mas quem num presta, oh, escuta, a senhora sabe informar? Num é o Rio, não! É ele quem num presta!"

Fernando nega qualquer aspecto negativo na cidade, em comparação com a miséria do Nordeste. A própria experiência do assalto foi considerada boa e o "saber viver" invocado como garantia de proteção no Rio. Se a pessoa não faz "confusão", mas comporta-se corretamente, tratando muito bem o "o senhor" (senhor de quê? De quem? Parece ser uma referência aos traficantes que dominam o bairro onde vive), sai ganhando porque preserva a integridade.

Lindoval diz que o "saber viver" consiste em se comportar com cautela, recolhido ao lar, saindo só para o trabalho e em tratar cordial, mas superficialmente os cidadãos. Apesar de

acreditar numa certa eficácia do "*saber viver*", ele diverge de Fernando ao reconhecer a violência como possibilidade real de acontecer a qualquer pessoa, sem que ela tenha feito algo para provocá-la. Qualquer um pode ser agredido estupidamente, em mais um "*crime ridículo*", desmotivado, como os que a crônica policial dos jornais sensacionalistas traz todos os dias. Lindoval também criticou a corrupção dos costumes tradicionais (homem com brinco na orelha, uso de gíria, falta de respeito e consideração) e a malandragem, que exclui a honestidade e o valor "sagrado" do trabalho.

Pressionado por seus interlocutores, Fernando insistiu em negar a violência da cidade, atribuindo todo episódio criminoso ao comportamento da vítima. A vítima é que não presta e se é morta, fez alguma coisa errada. Ele atribui a qualquer pessoa o direito de matar, comparando um crime cometido em defesa da família com os assassinatos perpetrados diariamente por bandidos e policiais. A crença de que a vítima atrai o crime, além de ter uma clara função defensiva, naturaliza e justifica a violência, principalmente a policial.

Francisco falou de sua vida austera, reproduzida pelos filhos, que o fez rever até mesmo os valores tradicionais do campo, que restringem ou negam o trabalho feminino. Assimilando novos valores, ele permite que sua mulher trabalhe fora, porque isso a realiza e é regra da cidade, para as pessoas honestas:

- "Então lá em casa o divertimento é esse: meus garoto não bebe, meus garoto nem fuma. Não. Graças a Deus! E tem outra: também é difícil soltar uma má palavra. (...) os meus filhinhos, num bebe; não bebe um copo de cerveja, acredita? (...) Ai, eles vive só de casa pro trabalho; é assim. A mesma luta diária minha. Muitas vez as pessoas diz: "Mas Francisco, seus menino criado em cima do morro e eu num vejo seus menino com má palavra; eu num vejo insultando ninguém..." Não, isso é o regimento lá em casa.

Outra: é o regimento que eu fui criado, sabe como é que é? Porque eu fui criado assim: dentro da roça, trabalhando na roça, naquela choupanzinha: veia lá bem dentro da floresta. (...) Mas naquilo ali, ninguém se incomodava com a vida um do outro; ali ninguém se incomodava com nada. Brigar: Deus me defenda! Ia sete horas prá escola, chegou da escola prá roça e é assim a vida do nordestino. E eu fui criado assim. (...) prá criar família em cidade grande... num é fácil, não. Cidade grande, né? (...) Aqui todo mundo tem que trabalhar. (...) é... na terra que eu fui criado tem de vê uma mulher trabalhar. Passa assim, por uma lavoura daquela, vê uma mulher cortando... espalhando arroz, cortando arroz no campo prá carregar prá casa, espalhando milho, catando feijão prá levar prá casa. (...) E a vida diária do Nordeste é assim.

- Aqui a mulher tem que trabalhar também, né?

- é, aqui a mulher tem que trabalhar... e eu nunca me acostumei. Eu sei que às vez Dona Maria vai pro trabalho, ela nunca tá em casa. A pessoa começou a trabalhar, acostuma a trabalhar. Mas eu num gosto... ela trabalha por conta dela mesmo. Eu disse a ela: "Dona Maria; você num é prá trabalhar; você tem quatro filho pra trabalhar em casa e lhe ajudar; então pra que trabalhar?" Mas ela gosta de trabalhar. (...) Ela: "aquilo que eu ganho é pra dividir com você. Pronto!"

- Ela acostumou a trabalhar.

- é. Trabalha. Diz ela que em vez dela me pedir, ela já ganha o dela também, né. Até ai eu tô concordando; vai daqui ali a pé pro

trabalho, né. (...) os menino (...) até acabar os estudo... trabalham também se quiser. Eu num empato ninguém de trabalhar, sabe coisa que eu num faço é empatar ninguém trabalhar?!? Ah, eu num empato, não. É pra trabalhar, todo mundo trabalha. Porque trabalhando junto é que faz o Brasil de amanhã; eu penso assim, né? E... toda a família; todos os dias, nessa luta diária.

- Sr. Francisco, o senhor não tem medo de (...) crime, marginal, bandido ou coisa assim?

- Não, eles num mexem com ninguém, não. (...) Porque quantos eu vejo; essa rapaziada de hoje, sai sete hora da noite, chega uma da manhã, duas da manhã... mas num era prá fazer isso! Eu acho que... num sei. Sim, porque saiu às sete hora; acho que até dez hora da noite dá prá ele se divertir um bocado (...) Acho que... lá em casa tem esse regimento: trabalhou de dia e descansou à noite. Lá em casa todo o regimento é assim; é que os menino chega do trabalho e vai dormir; se levanta sete hora e vai pro trabalho, é assim. (...) a gente sabe que... essa rapaziada de hoje, eles andam a noite toda; eu tenho visto muitos por aí."

Para descrever as características de uma família honrada, Francisco usou a palavra "regimento", evocando a rígida disciplina e a hierarquia que orientam a vida militar. O "regimento" funcionava no Nordeste e na infância tranquila de Francisco e, apesar das diferenças impostas pelo tempo e pela mudança para o Rio, deve ser seguido na cidade grande. Como o "saber viver", o "regimento" constitui-se de táticas que protegem magicamente a família contra os perigos do mundo exterior. No seu discurso, ele condena os rapazes que se divertem até a madrugada, seja porque os associe aos marginais ou porque ache que eles estão condenados à morte por seus costumes irregulares e

seus hábitos noturnos ("mas num era prá fazer isso!"). Essa "rapaziada" contrasta com seus "meninos", que voltam para casa no máximo às dez da noite. O mal só se abate sobre quem toma bebidas alcoólicas, fuma, faz farra, fala palavrões e briga. A defesa está em renunciar a quase todo lazer e só sair para trabalhar. Com esses, "os marginais não mexem". O comportamento austero é a garantia da segurança.

Interessa-me destacar no discurso de Antonio Marcos a "conversão" a esse comportamento austero, estabelecido como favorável à sobrevivência:

(...) - "eu bebia, fumava, só andava igual a garoto no meio da rua, à toa, gastando, só, solteiro. Mas agora eu tenho minha cabeça no local mesmo e deixei disso, sabe: não fumo, não bebo, nem me ajunto com todo mundo. Sabe, eu sou solteiro, moro só no meu quarto, a semana eu passo todinha só, mas no final da semana estou com minha irmã, meus sobrinhos, meu irmão e parei com essa vida que eu tinha, porque essa vida que eu tinha no Norte eu queria levar aqui também.

- Que vida?

- Essa vida, a que eu vivia, eu queria ficar bebendo, fumando, chegava bem tarde à noite, aí eu cheguei aqui no Rio e diminui, pois eu vi que não era por aí que a banda tocava, né, a gente andar até tarde na rua entre duas, três horas da manhã.

- Alguém te alertou para isso?

- É, alguém realmente me alertou.

- O que você fez?

- Alguém me alertou, uns colegas me deram conselhos. Amigos casados, que tem mais cabeça: "Deixa de fumar, deixa de beber". Você sabe, eu vivia o dia todo na rua, tem dias que eu nem comia, passava o dia todo na rua, não tinha nem pique para trabalhar, aí eu tinha um colega meu, muito meu amigo mesmo, até ele me deu conselhos. Aí eu fui deixando, sofri muito pra deixar, mas deixei. Aí uns colegas se revoltaram contra mim, por causa que eu não queria andar mais com eles, frequentar forró, coisa e tal e por mim mesmo fui deixando, deixando, deixei.

Hoje em dia, eu vejo uns colegas aí, que já foi... até morto, outros que caíram na gandaia. Mas eu não ia nas cabeças deles, nunca fumei droga, graças a Deus, minha droga era essa, o cigarro e a bebida, né? Eu bebia muito e fumava muito, carteira e meia por dia. Meu dinheiro que eu pegava (eu ganhava muito dinheiro) só alcançava para bebida, para farra mesmo. Só vivia no meio da rua com o pessoal, largava o serviço, ia embora pra bater pelada, andar de moto, bicicleta, eu me ajuntava com eles.

Aí teve um tempo que o... que mora ali perto do morro. Aí... ele tem uma quadriilha lá bem pertinho da minha casa, aí eu vi como eles via que eu chegava tarde de noite, ficava tudo de olho em mim, né? Então eu tive que mudar que lá do Morro do Alemão (para) Alcântara (...). Passei um ano e três meses lá, depois fui embora pro Rio, lá é bem melhor, Botafogo do que em Alcântara. Aí fiquei, parei de tudo isso. Hoje em dia eu gosto mais do meu trabalho, hoje em dia se eu ver o errado, eu passo, faço de conta que não olho, olha nem tô com saudade desse negócio.

(...) Lá no morro... existe, tudo bem, tem muita gente bacana que respeita bastante os outros. Já lá no Norte, não existe movimento do o pessoal, igual aqui. Que aqui tem gente de todo campo, tem gente boa, tem gente ruim também, né? Tanto a gente se dá com a gente boa como se dá com a gente ruim. Então, por exemplo, alguém às vezes falava prá mim e eu nem entendia a fala do pessoal. Por causa que realmente eu não entendia o ritmo do pessoal. Alguém falava prá mim e eu ficava botando assim, feito besta, assim..."

Antonio Marcos descreve dois momentos de sua vida. No primeiro, ele tinha hábitos como: beber, fumar, andar sozinho, esbanjar, bater pelada, andar de moto ou bicicleta, chegar de madrugada, fazer farras, ir a forrós, não trabalhar e "*ajuntar-se com todo mundo*". Esses comportamentos foram abandonados na segunda fase de sua vida no Rio. Ainda solteiro, Marcos agora só se diverte com a família e tem a cabeça "*no local mesmo*". Quando afirma: "*sofri muito pra deixar, mas deixei*" é possível perceber que a mudança aconteceu por razões alheias à seu desejo, ainda que diga não ter mais saudades da vida que levava. O que realmente causou mudança tão radical? Marcos não respondeu diretamente à questão. Mas seu depoimento, marcado de passagens reveladoras, permite pensar em algumas explicações.

A primeira e principal dificuldade dele foi "*em matéria de língua*". Se foi advertido que seu comportamento destoava daquele imposto pelos "donos" do local, não chegou a compreender. As diferenças culturais dificultaram sua adaptação e colocaram sua vida em risco: Marcos "*não entendia o ritmo do pessoal*", ou seja, não se dava conta das verdadeiras atividades daqueles com quem convivia, porque no Nordeste o "*movimento*" (conhecida gíria para tráfico de drogas) não tem as dimensões espantosas do Rio. Vigiado por suas companhias e por ver demais nos seus passeios noturnos, teve que sair de casa para se colocar em segurança.

A referência aos marginais que o perseguiram é indireta, substituindo seus nomes por expressões como "o pessoal" e "gente ruim". Ele aprendeu que o direito de se comportar como quisesse, sem prejuízo de outrem, não está assegurado no Rio. ¹Marcos entendeu que aqui "tem gente de todo campo, tem gente boa, tem gente ruim também. Tanto a gente se dá com a gente boa, como se dá com a gente ruim..." A escolha das palavras é diferente. É preciso "se dar com gente ruim", porque é uma relação superficial e necessária, mas não é possível "se ajuntar com todo mundo". "Se ajuntar" sugere amizade íntima e tais relações, porque comprometedoras, não podem ser mantidas com qualquer pessoa.

O "alerta" dado a Marcos partiu de conselhos de amigos, o que sugere que as táticas de sobrevivência que norteiam o comportamento adequado são senso comum entre os migrantes. Além dos conselhos e das prováveis ameaças, os exemplos dos antigos colegas de farra foram decisivos para sua transformação. Alguns estão mortos ou "caíram na gandaia", expressão que parece se referir ao consumo e/ou tráfico de entorpecentes, condenáveis para Antonio Marcos, que afirma nunca ter "fumado droga". Os destinos ligados ao crime são impensáveis para ele.

1. Se alguém se permite perambular na madrugada, ou tem proteção da polícia ou pelo contrário, é também um marginal, ameaça ao "dono da área". Nenhuma área é tão grande que possa ser dividida. A disputa por "pontos" de comércio de drogas é causa de conflitos armados que desafiam o poder de polícia, pela sofisticação da união e organização dos "exércitos". Comparar a sobrevivência no Rio com uma guerra não se parece exagero.

Antonio aprendeu a viver, soube das regras do jogo pela observação dos seguidores e transgressores. Não tendo passado por experiências violentas, tratou de adaptar-se a um mundo onde a violência ostensiva é prerrogativa exclusiva daqueles que tem poder de vida e de morte.

- "Quando cheguei aqui era bastante nervoso, cheguei até a brigar, por pequenas palavras, cheguei a agredir as pessoas. A pessoa me dizia alguma coisa, num instante eu ficava com raiva. Depois, eu comecei a ver como eram as coisas, como é que se tratava o outro, com mais tranqüilidade... Então eu fui convivendo, mas antes... Nós os nordestinos, os paraibas, nós quando somos amigos, somos amigos, mas aí é que está, se pisar no calo e doer, pronto! Se magoar, aí já muda a amizade.

- O que te magoa?

- O que me magoa por exemplo, é me chamar atenção. Pode me chamar assim num canto e pode dizer tudo pra mim que eu tô errado, eu não esquento a cabeça, se eu vejo que eu tô errado, tudo bem. Eu não gosto, por exemplo, (quando) tem cinco ou seis pessoas e gritam comigo. Aí eu já fico sem sono, tenho que sair, começo a andar. Antigamente era pior, quem gritava era eu, respondia logo! Hoje não!

- O que te fez mudar, Antonio?

- Porque eu mudei: eu observei legal que a violência não tem... cultura. Por exemplo, se a pessoa me grita, me dá uma palavra que eu não gosto e eu vou gritando igual a ele, acho que está errado... então tem que conversar, para não agredir um ao outro (...). Eu deixei muitas intrigas lá (no Nordeste), não falava com as pessoas, deixei umas três intrigas. Então, teve um daqueles que tu era intrigado que chegou a pisar no meu pé para nós brigar e eu não tive mais coragem de brigar com ele. Ele disse: "Você não era tão brabo? A vida lhe ensinou?" Eu disse: "Ensinou-me! No Rio você aprende tudo. O mundo é o melhor professor. Quando você

aprende a viver, melhor". Dei meia volta e fui embora (...)

- Eu gostei muito do Rio, eu simpatizei muito do Rio. Apesar de que o lugar que eu moro num é legal. É muito violento. Mas eu num me envolvo com a violência deles: fico na minha! Se eu quero tomar um negocinho, eu tomo em casa mesmo, se eu quero andar (...) só ando sozinho. Se acontecer de um dia eu sair e morrer lá fora, (me) matarem, foi por engano, porque briga não vou arrumar, eu não gosto (nem) de andar por ali, não. Meu cunhado reclama: arruma uma briga, anda com fulano, anda no forró! (...) Não! A minha vida é muito gostosa, ela é tão boazinha!"

A proteção contra a violência, adotada pelo jovem que "aprendeu a viver", mais uma vez envolveu prudência, austeridade e submissão.

4.3 - A Dignidade reinventada

Para Pitt-Rivers, J. (1992:pp.17-18) a honra é:

"um valor moral, um sentimento e um fato social objetivo ao mesmo tempo. (...) Enquanto motivação da conduta, (...) a honra é puramente individual, pois depende da vontade de cada um. Porém, a honra é também coletiva e pode se fixar num grupo social: família, raça, pátria, seja qual for a comunidade com a qual se identifique".

Há que contextualizar o sujeito para saber de suas noções de honra ou dignidade, (que tomarei como sinônimos, tal como estão dicionarizadas as palavras), pois isso *"varia de acordo com o lugar de cada um na sociedade"* (p.18).

Sylvia Leser de Mello (1988:p.129), estudando migrantes que trabalhavam como domésticas, fala em que se apóia a dignidade:

"sustentada, em grande parte, pelo reconhecimento social dos seus sinais exteriores e de seus atributos mundanos. Os sinais exteriores de dignidade, as marcas de respeito e de estima fixadas pela sociedade, reforçam e integram o sentimento pessoal da dignidade. É tanto mais fácil mantê-la intata quanto mais ela é reafirmada no cotidiano dos contatos humanos".

As pessoas pobres, às quais faltam esta confirmação, devem:

"reinventar a dignidade todo dia, pois a cada novo dia ela é posta em questão. Ser pobre é sempre estar sob suspeita, não apenas

de ser ladrão e vagabundo, mas de ser indigno. A suspeita sugerida e introjetada exige a reafirmação contínua da honra e da integridade pessoais embora deteriore a identidade social dos que tem que conviver com ela. Carente de sustentáculos visíveis, escondida no plano obscuro da subjetividade e exigindo a demonstração inequívoca de sua existência, quando é posta à prova, a dignidade é quase um peso a ser carregado, um ônus a mais numa vida já de si tão cheia de atribulações. Na verdade todas as circunstâncias conjugam o mesmo refrão da desvalia e da indignidade. O trabalho não resguarda nem garante o sentimento do valor pessoal e da auto-estima."

Eu complementaria: o trabalho não resguarda a dignidade, embora dessa ilusão vivam as pessoas pobres que conheci. *"Todas as profissões me honraram um pedacinho"*, diz Francisco, para quem o trabalho deu uma identidade honrosa. O sentimento de honra apareceu sempre estreitamente ligado ao trabalho. Um bom homem, honrado, é também um bom trabalhador.

Reiterar os fatos que traduzem uma imagem digna, repetir que se vive do trabalho duro; esclarecer pensosamente cada situação em que se esteve sob suspeita e se vive sempre sob suspeita; enfim, reafirmar continuamente a própria honra, são os "sintomas" da identidade ameaçada pela desconfiança e pelo preconceito. Erisimar relatou a experiência de ser suspeito de roubo e, presumivelmente por isso, demitido:

- "O que alegaram lá foi que eu fumava dentro da recepção. Mas de noite, não tinha ninguém lá e eu fumava mesmo. Todo mundo fuma. Médico

fuma dentro do Centro Cirúrgico, dentro da sala de atender paciente. Isso eu sei. Então eu acho que, às vezes você proibir de fumar, não sei o que. Não existe, né? Muita coisa é esquisito. Mandar embora... Alegaram isso. Mas eu mesmo acho que não foi isso, não. Que não foi tanto isso, não. Que na época que eu entrei lá, sumiu um cheque também... e eu como novo, respondi por esse cheque. Não respondi, assim, dizer que foi eu que tirei o cheque, mas acho que na cabeça deles passou essa idéia que fui eu que peguei o cheque. Eu acho que mais foi por isso também. É... aí eu fui mandado embora. Aí fiquei desempregado novamente...

A honra exige provas materiais de sua existência, até porque os que suspeitam são sempre mais fortes. A carteira de trabalho é uma insígnia, marca da escolha do trabalho como forma de sobrevivência. Além de atestar o que a pessoa é, faia do que ela não é, marginal ou desocupado. Antonio Vicente, ao ser revistado pela polícia - o que sempre acontece por ser pobre e caboclo de pele escura - não fica intimidado e nem tem medo. Olha bem nos olhos do policial (porque é assim que deve fazer quem é honesto) e mostra sua carteira profissional, onde está a história de sua vida. Por tudo isso, a carteira tem que ser a melhor possível: constitui prova de retidão e é (talvez o único) documento que "garante" senão a cidadania, pelo menos a segurança.

Falei de alguns ataques possíveis aos direitos elementares do ser humano, desfechados tanto pelos que estão "do lado da lei", quanto pelos "fora da lei". (Vilhena:1992) Há outras formas de atacar a dignidade de outrem, que não passam pela ameaça de morte física. O desrespeito, o não-reconhecimento do eu, produz

seus efeitos. Marginalizados porque são pobres, habitam as favelas e tem profissões pouco reconhecidas, os migrantes ainda são discriminados e humilhados por suas origens.

O apelido de "paraíba" fere os nordestinos. Primeiro pela óbvia desvalorização patente no uso social da palavra. Ninguém chama ninguém respeitosa ou carinhosamente de "paraíba". Além disso, o termo elimina as diferenças entre as pessoas para igualá-las no desprezo. Lindoval disse que os paulistas chamam os nordestinos de "baianos" e os cariocas dão-lhes o nome de "paraibas". Mas ninguém se aproximara dele até ali para perguntar de onde era e afinal chamá-lo de pernambucano. Já Antonio, contraditoriamente, rejeita o "paraíba" por reconhecer na palavra a ofensa, mas agarra-se a ela para referir-se ao próprio grupo social. Vejamos:

- *"Nós os nordestinos, os paraibas, nós quando somos amigos, somos amigos, mas aí é que está, se pisar no calo e doer, pronto! Se magoar, aí já muda a amizade. (...)*

É muito difícil eu ir (na Feira de São Cristóvão), às vezes quando vou estou aflito, eu levo essa vida de paraíba, chata, braba, aí eu vou. (...)

- *Minha irmã só quer me maltratar... não é assim (...) é, porque ela diz que eu sou paraíba...*

"Paraíba" pode até ser aceito com certa resignação, como a forma inevitável que os cariocas têm de designá-los. Mas o

insulto é claramente percebido e rejeitado, como aconteceu nas brigas do entrevistado com a irmã.

Diferentes, de aparência humilde, precocemente envelhecidos, mal vestidos, o corpo mostrando as privações sofridas desde a idade mais remota, os nordestinos sentem o quanto esta diferença é inferiorizada a cada vez que travam uma batalha para sobreviver. Lindoval mostra esta rejeição:

- "O Rio de Janeiro é bom; você chega aqui, pega aquele carro da Itapemirim e vem com aquele pensamento de subir na vida, né. O Rio tem um problema que... as pessoas de gravata (...) sentadas numa mesa, eles devia saber. O Rio tem uma política, se você for procurar emprego... se você for uma pessoa feia, você já num se emprega. Se você for uma pessoa que num tem tempo de carteira, anos, num fica no emprego. Aqui tem muita pulêmica. Você num tem nem condições de ir procurar um emprego...

As táticas, engendradas no contato com a realidade, criadas no desafio permanente que é sobreviver em terra desconhecida, consistem em procedimentos que possam transformar essas pessoas de alvos fáceis da violência e do preconceito, em pessoas respeitadas, de dignidade reconhecida, com o trabalho e o sustento dos filhos assegurados. "Saber viver" é submeter-se aos mais poderosos, é obedecer às leis invisíveis, é aprender rapidamente as regras sociais numa guerra que não faz trégua. Lindoval mais uma vez fala o que é preciso para não sucumbir:

- "Então a pessoa tem que ter inteligência...
Muitas pessoas no Brasil sofre por falta de
inteligência, porque tem gente que pensa que o
mundo é que nem cavalo, que pega uma sela,
amunta, dá chicote e vai andando lá... As
pessoas tem que ter inteligência na vida."

CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho foi o estudo de algumas vivências formadoras da identidade do migrante nordestino. Pesquisei algumas experiências que essas pessoas tinham em comum: migração, trabalho na construção civil, pobreza, sobrevivência no meio urbano.

A causa das migrações é econômica e social, não podendo ser reduzida somente a explicações psicológicas. É evidente que há um determinante psicológico, mas secundário em relação aos fatos sociais.

A troca da relação com a terra, provedora do sustento, por uma sociedade de consumo, tecnológica, implica numa mudança radical de todo o universo da cultura ao contato com outras organizações sociais. Esta experiência apareceu como dolorosa e provocadora de conflitos, expressos na divisão da imagem do Nordeste e do Rio de Janeiro em dois aspectos opostos. O Nordeste apareceu como o lugar da família, da segurança, do respeito. Mas também foi descrito como o lugar da miséria, da perda, do abandono e morte.

O Rio de Janeiro foi descrito como uma terra pródiga, o lugar das vantagens econômicas, dos recursos para a família, do progresso e do desenvolvimento. Entretanto, o Rio não deixou de

ser temido, pelo desconhecimento que o migrante tem da cultura urbana e pela constante ameaça da violência.

Tais conflitos entre imagens irreconciliáveis, vivenciados a cada dia, não têm solução. Nos momentos iniciais na cidade, quando a decisão de migrar é constantemente questionada, frente ao Rio desconhecido e até decepcionante, aparecem desespero e arrependimento de ter vindo. Todos os entrevistados descreveram seus sentimentos e experiências iniciais em termos de solidão e estranheza, causadas pela falta de identificação com a cultura urbana. Muitos queixaram-se da efemeridade das relações humanas, do anonimato, do medo e desconfiança em relação a tudo e a todos e sobretudo, da saudade da terra e dos parentes. Alguns migrantes adaptaram-se à nova realidade e adiaram o desejo inicial de economizar no Sul e retornar ao Nordeste para um futuro distante ou para nunca mais.

Os nordestinos entrevistados mostraram-se críticos e seletivos na adoção de valores citadinos. São criticados os comportamentos ligados à malandragem, à dissolução dos costumes tradicionais, à falta de ética. A "adaptação" à cidade é violenta, ainda mais quando se lhes é imposta uma rendição, uma supressão de valores e saberes que têm ressonância afetiva. Pela resistência à imposição de mudanças, os nordestinos tentam preservar os valores da terra de origem.

O trabalho na construção civil é geralmente a primeira possibilidade de sustento para o nordestino. Ele foi pensado pelos operários como tendo dupla face: por um lado, a garantia de sustento do migrante e sua família, a gratificação de ver o produto de seu trabalho, de aprender, de poder criar.

A outra face é a do sofrimento, da desvalorização, da ironia de não poder sequer conhecer o prédio construído pelo próprio esforço. É a face da brutalidade das tarefas, do esforço físico extenuante, do constante risco de acidentes, do convívio com o medo, da instabilidade no emprego, da baixa remuneração. Foi comum encontrar na mesma entrevista os dois pólos antitéticos, misturando amor e ódio pelo trabalho e caracterizando o conflito.

Quando o nordestino procura a construção civil, encontra a profissão de servente como a única acessível, porque não exige qualquer qualificação, apenas força muscular. O trabalho de servente foi descrito como uma sucessão de pesadas tarefas, destituídas da qualidade humana de produzir de modo criativo e foi descrito como uma atividade desagradável, imposta pela necessidade imediata.

A possibilidade de passar de servente a profissional qualificado depende da avaliação dos mais experientes sobre o desempenho do candidato à ascensão. O nordestino que acabou de

chegar é avaliado, verificando-se sua aptidão e sua moral. Se o recém-chegado for confiável, poderá ser instruído na profissão. Aliás, constatei que o treinamento de todos os trabalhadores ouvidos foi uma iniciativa pessoal, sem qualquer apoio das empresas.

Quando parte-se do desconhecimento completo para o domínio do processo de trabalho, extrai-se alguma satisfação. O homem faz face à seu produto e se reconhece nele. Seu potencial criativo aflora e ele pode admirar em que se transformou seu suor e seu pensamento. O trabalho é - sob este aspecto - visto como interessante e prazeroso.

A pesquisa mostrou que a profissão qualificada é uma importante conquista para esses homens, porque lhes fornece uma identidade honrosa de trabalhador. Constatei que a importância da condição de trabalhador como marca identificatória positiva não pode ser exagerada.

A face maldita do trabalho aparece na baixa remuneração recebida. Como há sempre um contingente excessivo de mão-de-obra - mantido graças à migração - a paga pelo trabalho é exígua e de modo algum compensa os riscos assumidos. Os salários são aviltados sem que os operários possam exigir mais, porque se o profissional só quiser trabalhar por determinada quantia, logo a necessidade obrigará outros a trabalhar até pela metade.

Apegados à identidade de profissional que tanto lhes custou conseguir, os operários são obrigados a abrir mão dela e trabalhar como servente nas ocasiões de escassez de emprego. Este fato é encarado como uma humilhação insuportável.

Também a questão da segurança revela o lado ruim do trabalho. Os operários sentem medo, porque são muito expostos a riscos ligados à integridade física. Contra este sentimento onipresente, elaboram defesas para neutralizá-lo. Se as defesas são eficazes, o medo está praticamente ausente do discurso. Para ser vencido ou pelo menos controlado, o medo tem que ser negado e desafiado, se possível coletivamente. Na prática, a defesa contra o medo se traduz pela resistência às normas de segurança, chegando à recusa de usar os equipamentos, mesmo que isso lhes custe o emprego ou a vida. Entretanto, em algumas ocasiões, o medo subjacente aparece de forma dramática: é o acidente.

Acredito que somente o aspecto defensivo seja insuficiente para explicar a resistência às normas de segurança. Isto porque tais normas são inculcadas como uma doutrina superior à qual é necessário converter-se, porque é a melhor, a única ou a verdadeira forma de executar as tarefas. Assim, as formas de conhecimento e ação da vida rural são descartadas e consideradas ignorância e a atitude dos operários, em questionar os novos conhecimentos é vista como estúpida ou teimosa. Existe resistência, sim, que teima em resguardar os

saberes de outra origem. A lógica capitalista é etnocêntrica e arrogante, não considerando outras formas de interpretação da realidade.

Não estou defendendo a tese reacionária de que as regras de segurança não devam ser ensinadas. Tais conhecimentos são necessários para a integridade desses homens. Espero mesmo que os dados desta pesquisa sugiram novas diretrizes para o treinamento dos operários. Observo apenas que tanto mais difícil será aprender os novos saberes quanto mais as referências culturais nordestinas forem desprezadas.

Diferentes em tudo, da fala à aparência, precocemente envelhecidos, mal vestidos, o corpo mostrando as privações sofridas desde a idade mais remota, os nordestinos sentem o quanto esta diferença é inferiorizada no cotidiano. Porque são inferiorizados no país do Sul, é necessário criar o que chamei de *táticas de sobrevivência*.

Conforme mencionado anteriormente, a palavra *tática* é um termo bélico, cuja definição é "*arte de dispor as tropas no terreno em que elas devem combater; meios empregados para sair-se de qualquer coisa; processo de realização*" (Dicionário Aurélio). *Táticas* seriam as formas de ação e organização do migrante para sobreviver, também psiquicamente, convivendo com violência, pobreza e preconceitos. As *táticas* implicam em relações com

grupos sociais, quer sejam grupos de nordestinos já estabelecidos na cidade, quer sejam de cidadãos. Alguns entrevistados utilizaram a expressão "*saber viver*", que sintetiza o que seriam as táticas de sobrevivência: comportamentos considerados adequados e necessários, sendo a transgressão punida com o fracasso ou a morte.

A ajuda é uma tática absolutamente necessária. Ela acontece entre parentes, mas também entre os que têm o Nordeste em comum. Ajuda é qualquer favor que um nordestino presta a outro, desde o oferecimento de hospedagem até a indicação de trabalho. Sem a ajuda solidária dos que já migraram, fica difícil realizar as expectativas que trouxeram o migrante à cidade.

A violência é a preocupação central dos migrantes. Primeiro, porque não conhecem os perigos que a cidade oferece. Segundo, porque se sentem desamparados quando são ameaçados e não têm a quem recorrer. Terceiro, porque não compreendem nem aprovam a "malandragem" e a diversidade de costumes com que têm que conviver.

Verdadeiramente, não há garantias contra a violência. Quando o corpo político está corrompido, deixa de ser referência de lei. Não se pode esperar que ele assegure o bem comum ou a aplicação da justiça. Surgem, então, leis paralelas, leis impostas pela pura força e visando apenas interesses

privados. Os marginais se instalam em determinado espaço e exigem dos demais moradores "uma submissão absoluta, alimentada pelo medo e pela certeza da impunidade e disfarçada de "proteção". Para agravar a situação, a polícia desconfia dos que vivem próximos aos marginais e não os diferencia deles. Os trabalhadores das favelas são objeto de desconfiança dos dois "lados" inimigos na guerra urbana.

Entretanto, existe uma idéia que permite que os migrantes resistam à ameaça perpétua: a de que a violência do Rio de Janeiro só pode atingir a quem não sabe se comportar, e assim, procura coisas más para si. A tática de sobrevivência em questão seria o recolhimento ao lar, saindo só para o trabalho, e consiste também em tratar os cidadãos de maneira polida, porém superficial, mantendo uma distância segura. Os nordestinos espalham-se no terreno minado tentando proteger-se com a identidade de trabalhador.

Marginalizados porque são pobres, porque habitam as favelas e tem profissões pouco reconhecidas, os migrantes ainda são humilhados por suas origens. O apelido de "paraíba" fere pela desvalorização patente no uso social da palavra. Além disso, o termo elimina as diferenças para igualar as pessoas no desprezo. O caráter pejorativo do termo é claramente percebido.

Vivendo constantemente sob a suspeita de ser marginal, é necessário reiterar os fatos que traduzem uma imagem digna, esclarecer penosamente cada situação em que se esteve sob suspeita - e se vive sempre sob suspeita. Enfim, é preciso reafirmar continuamente a própria honra. A tática de sobrevivência possível para defender-se é reinventar a dignidade, porque ela é posta em questão todo dia. O trabalho não resguarda a dignidade nas práticas cotidianas, embora dessa esperança vivam os operários que conheci.

A honra exige provas materiais de sua existência, até porque os que dela suspeitam são sempre mais fortes. A carteira de trabalho aparece como uma insígnia, que atesta não apenas o que a pessoa é, mas também o que ela não é, bandido ou desocupado. Por esses motivos, a carteira tem que ser a melhor possível: constitui prova de retidão, de constância e é (talvez o único) documento que "garante", pelo menos, a segurança.

As táticas de sobrevivência, engendradas no contato com a realidade, no desafio permanente que é permanecer e até deitar raízes em terra desconhecida, consistem em procedimentos adequados, que transformem as essas pessoas de alvos fáceis da violência e do desrespeito em pessoas de dignidade reconhecida, com trabalho e sustento da família assegurados. Saber viver é reapetitar os mais poderosos, é obedecer às inexoráveis leis das favelas, que não estão escritas em papel, mas que governam aquele

mundo com a maior eficácia, porque estão escritas, com as letras do medo, nos corpos submissos e subtraídos de cidadania e dignidade dos trabalhadores dos morros e favelas. Mas *saber viver* é também criar, aprender rapidamente, usando a inteligência, as regras sociais numa guerra que não faz tréguas.

Consegui meu objetivo se mostrei sobre essas pessoas mais do que a aceitação passiva da condenação social que a pobreza e a migração impõem. Terminei bem minha tarefa se mostrei mais do que as "coisas de não", de que fala o poeta João Cabral de Melo Neto. Quis mostrar a defesa de um "eu" e de um "nós", apesar de tudo ou contra tudo. Quis mostrar a forte disposição de lutar e vencer a guerra, pois o Sul-maravilha não é brincadeira.

BIBLIOGRAFIA:

- AZEVEDO, C. *"Roapendo fronteira: a poesia de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro"*, Dissertação de mestrado em Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.
- ARENDT, H. *"A Condição Humana"*. Rio, Forense Universitária, 1991.
- BAKHTIN, M. *"Marxismo e filosofia da linguagem"*. São Paulo, HUCITEC, 1981.
- BAPTISTA, L.A.S. *"Algumas histórias sobre a fabrica de interiores"*. Tese de doutoramento da Universidade de São Paulo, 1987.
- BEZERRA Jr., B. *"A Noção de indivíduo: reflexão sobre um implícito pouco pensado."* Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1982.
- _____. *"Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental"* In: *Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil*, org. Nilson Costa e Silvério Tundis. Rio, Vozes, 1987.

- BLIKSTEIN, I. *"Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade"*.
São Paulo, Cultrix, 1985.
- CAMINHA, F.J.M. *"Migração: problema de saúde mental?"*
Dissertação de mestrado em Psiquiatria da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, 1982.
- CASTRO, J. *"Fôme: um tema proibido"*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- CODO, W. *"Saúde mental e trabalho: uma urgência prática"*.
Psicologia, ciência e profissão, Brasília, Conselho
Federal de Educação, ano 8, no. 2/88: 20-24.
- COSTA, J.F. *"Violência e Psicanálise"*. Rio, Graal, 1986.
- _____, *"A Psicanálise enfrenta a "doença dos nervos" In:*
Caderno Idéias, Jornal do Brasil, 17/09/88, p. 04.
- _____, *"Psicanálise e contexto cultural: imaginário
psicanalítico, grupos e psicoterapias"*. Rio, Campus,
1989.
- COUTINHO, R.L. *"Operário de construção civil: urbanização,
migração e classe operária no Brasil"*, Rio, Achiamé,
1980.

DEJOURS, C. *"A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho"*. São Paulo, Cortez-Oboré, 1991.

DUARTE, L.F.D. *"Da vida nervosa nas classes trabalhadoras"*. Rio, Jorge Zahar, 1986.

_____, e ROPA, D. *"Considerações sobre a questão do atendimento psicológico às classes trabalhadoras"*. In: *Cultura da Psicanálise*, org. Sérvulo Figueira, São Paulo, Brasiliense, 1985.

GARCIA-JR., A.R. *"O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social"*. Tese de doutoramento em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio, 1983.

GARCIA-ROZA, L.A. *"Freud e o inconsciente"*. Rio, Jorge Zahar, 1987.

HELLER, A. *"O cotidiano e a história"*, Rio, Paz e Terra, 1985.

LANE, S. (org.) *"Psicologia social: o homem em movimento"*, São Paulo, Brasiliense, 1985.

LAPLANCHE, J. e FONTALIS, J.B. "*Vocabulário da Psicanálise*",
São Paulo, Martins Fontes, 1983.

LISPECTOR, C. "*A hora da estrela*", Rio, Nova Fronteira,
1988.

MARX, K. "*Introducción general de la crítica de la
economía política*", Lisboa, Carabela, 1976.

_____. "*Manuscritos económicos e filosóficos*", São Paulo,
Nova Cultural, 1982.

MELLO, S.L. "*Trabalho e sobrevivência. Mulheres do campo e
da periferia de São Paulo*". São Paulo, Atica, 1988.

MELO NETO, J.C. "*Morte e vida severina e outros poemas em
voz alta*". Rio, José Olímpio, 1978.

NEZZAROS, I. "*Marx: a teoria da alienação*". Rio, Zahar,
1981.

MINAYO, M.C.S. "*Os construtores da cidade*", Rio, FASE,
1986.

MURARO, R. "*Corpo e classe social no Brasil*", Petrópolis,

Vozes, 1985.

PITT-RIVERS, J. "A doença da honra". In: A Honra: imagem de si ou o dom de si - um ideal equivoco; org. Nicole Czechowsky. Porto Alegre, L&PM, 1992.

SENNÁ, A. e VILHENA, J. "Atendimento psicológico a populações carentes: mitos e lendas". Rio, Gradiva. no. 8, SPAG., 1988.

SIGAUD, L. "Os clandestinos e os direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco", São Paulo, Duas Cidades, 1979.

THIOLLENT, M. e outros. "Crítica metodológica, investigação social e enquete operária". São Paulo, Editora Polis, 1985.

VILHENA, J. "Em nome da Lei" In: Caderno Idéias, Jornal do Brasil, 17/06/90, p. 09.

_____. "Laços da paixão" In: Pesquisando (n)a psicanálise; org. Sérgio Figueira, Rio, Relume Dumará (no prelo).

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Fizeram parte da banca examinadora os seguintes professores:

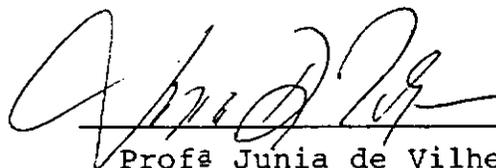
- Professora Doutora Junia de Vilhena, ORIENTADORA - PUC - RJ;
- Professora Doutora Claudia Garcia, PUC - RJ;
- Professor Doutor Sérvulo Augusto Figueira, PUC - RJ.

VISTO E PERMITIDA A IMPRESSÃO.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 199__ .

Professora Doutora Ana Mária Nicolacci-da-Costa
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação do
Centro de Tecnologia e Ciências Humanas

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pela aluna **Maria Helena Rodrigues Navas Zamora**, intitulada "Saber Viver: Táticas de Sobrevivência do Nordeste no Rio de Janeiro". Fizeram parte da Banca Examinadora os seguintes Professores Doutores:



Profª Junia de Vilhena

Profª Orientadora - PUC/Rio



Profª Claudia Amorim Garcia
PUC/Rio



Prof. Sérvulo A. Figueira
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 18/09/92



Profª Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas .